

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E  
GESTÃO EDUCACIONAL – MESTRADO PROFISSIONAL

Denize Estega de Oliveira

**A TRANSDISCIPLINARIDADE IMERSA NOS CONTOS DE FADAS:  
A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INOVADORA**

Santa Maria, RS

2023

Denize Estega de Oliveira

**A TRANSDISCIPLINARIDADE IMERSA NOS CONTOS DE FADAS:  
A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INOVADORA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

Santa Maria, RS  
2023

de Oliveira, Denize

A TRANSDISCIPLINARIDADE IMERSA NOS CONTOS DE FADAS: A  
BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INOVADORA / Denize de  
Oliveira.- 2023.

75 p.; 30 cm

Orientador: Lorena Marquezan

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Políticas Públicas e Gestão Educacional, RS, 2023

1. Interdisciplinaridade 2. Transdisciplinaridade 3.  
Contos de Fadas 4. Educação Infantil 5. Inovação I.  
Marquezan, Lorena II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo  
autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca  
Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DENIZE DE OLIVEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

A vida não é fácil para nenhum de nós.

Mas, e daí?

Nós devemos ter persistência e, acima de tudo, confiança em nós mesmos.

Devemos acreditar que somos talentosos em alguma coisa, e que essa coisa, a qualquer custo,  
deve ser alcançada.

Marie Curie

**Denize Estega de Oliveira**

**A TRANSDISCIPLINARIDADE IMERSA NOS CONTOS DE FADAS:  
A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INOVADORA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional.

Aprovada em 10 de Outubro de 2023.

---

Lorena Inês Peterini Marquezan, Dra. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

---

Carmen Rosane Segatto e Souza, Dra. (Seduc-RS)

---

Camila Borges dos Santos, Dra. (UFSM)

---

Adriana da Rocha Veiga, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS  
2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sempre ter iluminado e guiado meu caminho, por ter sido minha fonte de força, fé e resiliência.

Aos meus pais, por terem me presenteado com a dádiva da vida e por sempre terem acreditado nas minhas potencialidades.

À minha professora e orientadora Lorena Inês Peterini Marquezan, por ter sido minha “fada madrinha” e ter me inspirado e encorajado a ir em busca de mais esse sonho.

À Universidade Federal de Santa Maria, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional e ao Grupo de Estudos e Práticas em Educação e Psicopedagogia (GEPEP), por terem me acolhido de forma tão afetuosa e pelas inúmeras oportunidades de construções e compartilhamentos de saberes e fazeres que me proporcionaram.

Aos meus alunos da turma de Pré-escola B, do ano de 2022, da EMEI Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, por terem sido essas crianças incríveis que, juntamente comigo, fizeram com que esse sonho se tornasse realidade.

As famílias de meus alunos, por terem confiado em mim e no meu trabalho e por todo carinho e reconhecimento que recebi.

Para finalizar, agradeço a todas as minhas versões que me permitiram ser quem hoje eu sou. Sou um todo, indivisível, feito de inúmeras e complexas partes de mim mesma. E serei eternamente grata, por nenhuma das minhas versões anteriores terem desistido no meio do caminho, mesmo quando parecia impossível encontrar um “final feliz”.

## RESUMO

### **A TRANSDISCIPLINARIDADE IMERSA NOS CONTOS DE FADAS: A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL INOVADORA**

AUTORA: Denize Estega de Oliveira

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lorena Inês Peterini Marquezan

Essa dissertação está vinculada ao Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), da Linha de Pesquisa Gestão Pedagógica e Contextos Educativos (LP/2); refere-se às práticas de inovação na gestão da aula: interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, especificamente sobre a prática pedagógica transdisciplinar na Educação Infantil, através dos contos de fadas. Como inquietação a pergunta, que buscamos responder: Como os contos de fadas gaúchos proporcionam ressignificar os sentidos dos contos de fadas clássicos? Tendo como objetivo geral, proporcionar inovações na Educação Infantil, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, propiciando atividades encantadoras a partir dos contos de fadas gauchescos. E, por objetivos específicos, aplicar os contos de fadas como meios para a constituição de práticas pedagógicas interdisciplinares e transdisciplinares e ressignificar os sentidos dos contos de fadas clássicos com suas releituras conectadas à cultura gaúcha. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, realizada através de narrativas (auto)biográficas, relacionadas às práticas pedagógicas desenvolvidas com uma turma de Pré-escola B, com 19 alunos de cinco e seis anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, localizada no município de Santa Maria/RS. O referencial teórico leva em consideração a legislação educacional e autores como Morin (1998;2020), Freire (1992;2019), Chalita (2003), Bettelheim (1978) e Josso (2010;2020). O produto técnico/educacional resultante da pesquisa foi a elaboração de um conto de fadas, de autoria das próprias crianças, estimulando o texto de acordo com o contexto Rio Grandense. Ressignificou-se a contação de histórias na Educação Infantil, inspirando outros educadores, a inovar suas práticas pedagógicas interdisciplinares e transdisciplinares, que busquem a formação do Ser Humano por inteiro. Percebeu-se que a mediação sócio-cultural propiciada através dos contos de fadas clássicos e contos de fadas gauchescos possibilitaram a produção coletiva de um e-book narrado e ilustrado pelas crianças, inovando a prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Contos de Fadas. Educação Infantil. Inovação.

## ABSTRACT

### **TRANSDISCIPLINARITY IMMERSSED IN FAIRY TALES: THE SEARCH FOR AN INNOVATIVE EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

AUTHOR: Denize Estega de Oliveira  
ADVISOR: Prof. Dr. Lorena Inês Peterini Marquezan

This dissertation is linked to the Professional Master's Course in Public Policies and Educational Management, of the Postgraduate Program in Public Policies and Educational Management, of the Federal University of Santa Maria (UFSM/RS), of the Pedagogical Management and Educational Contexts Research Line (LP/2); refers to innovative practices in classroom management: interdisciplinarity and transdisciplinarity, specifically about transdisciplinary pedagogical practice in Early Childhood Education, through fairy tales. As a question of concern, which we seek to answer: How do gaúcho fairy tales provide a new meaning for the meanings of classic fairy tales? With the general objective of providing innovations in Early Childhood Education, through interdisciplinarity and transdisciplinarity, providing enchanting activities based on Gaúcho fairy tales. And, for specific objectives, to apply fairy tales as means for establishing interdisciplinary and transdisciplinary pedagogical practices and re-signifying the meanings of classic fairy tales with their reinterpretations connected to Gaúcho culture. The methodology used was qualitative research, carried out through (auto)biographical narratives, related to pedagogical practices developed with a Pre-School B class, with 19 students aged five and six, from the Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, located in the municipality of Santa Maria/RS. The theoretical framework takes into account educational legislation and authors such as Morin (1998;2020), Freire (1992;2019), Chalita (2003), Bettelheim (1978) and Josso (2010;2020). The technical/educational product resulting from the research was the creation of a fairy tale, written by the children themselves, stimulating the text according to the Rio Grande do Sul context. Storytelling in Early Childhood Education has been given a new meaning, inspiring other educators to innovate their interdisciplinary and transdisciplinary pedagogical practices, which seek to form the entire Human Being. It was noticed that the socio-cultural mediation provided through classic fairy tales and Gaúcho fairy tales enabled the collective production of an e-book narrated and illustrated by children, innovating pedagogical practice.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Transdisciplinarity. Fairy tale. Early Childhood Education. Innovation.



## SUMÁRIO

<b>1. COMPREENDENDO O CONTEXTO DESSE ESTUDO</b> .....	10
<b>2. REVISITANDO MINHA TRAJETÓRIA</b> .....	14
<b>3. CONECTANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA</b> .....	25
<b>4. EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO</b> .....	27
<b>5. QUANDO DUAS VOZES CENTENÁRIAS SE CRUZAM</b> .....	32
<b>6. ERA UMA VEZ</b> .....	36
<b>7. CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	39
7.1. ESTADO DO CONHECIMENTO.....	40
7.2. LOCAL, SUJEITOS E PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO .....	41
<b>8. CONSTRUINDO APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS A PARTIR DOS CONTOS DE FADAS</b> .....	42
8.1. NO REINO ENCANTADO DO PRÉ B.....	55
<b>9. “TU TE TORNAS ETERNAMENTE RESPONSÁVEL POR AQUILO QUE CATIVAS”: ALGUMAS PALAVRAS FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69

## 1. COMPREENDENDO O CONTEXTO DESSE ESTUDO

O contexto em que vivemos, principalmente neste período de pós-pandemia, é marcado por transformações e pela rapidez com que tudo muda. Segundo Morin, (2020, p. 21), “um minúsculo vírus surgido de repente numa longínqua cidade da China criou um cataclismo mundial”. Foi necessário nos adaptarmos à essa nova realidade, para que pudéssemos sobreviver e refletir sobre nossos atos foi o ponto de partida para que essa mudança fosse possível. Como educadora, refleti sobre minha própria prática pedagógica e sobre o real papel do educador na vida dos educandos e na sociedade de um modo geral. É preciso enxergar e ouvir as crianças com sensibilidade, descobrindo quais são suas curiosidades e necessidades, permitindo que elas criem, experimentem, explorem e façam suas próprias descobertas, para que o conhecimento construído seja significativo e transformador. Parafraseando o artigo produzido por mim, juntamente com minha orientadora,

uma educação que permite que a criança seja autora de seu próprio aprendizado, forma um cidadão crítico, capaz de descobrir problemas onde os outros apenas aceitam as respostas prontas, como sendo verdades. Para que a educação seja significativa, o ambiente escolar precisa encantar, acolher, incentivar a criatividade, gerar uma imensidão de possibilidades para que as crianças experimentem e criem seus próprios conhecimentos, pois somente assim formaremos seres autores e não meros reprodutores. Afinal, a educação transformadora é aquela que aguça a curiosidade, que desperta o interesse e nos inquieta. (OLIVEIRA; MARQUEZAN, 2023, p. 86).

Segundo Piaget (1977, p. 85), “a primeira tarefa de um educador, diante de um problema internacional, é, pois, a de procurar adaptar o aluno a semelhante situação, sem nada lhe omitir a respeito da sua complexidade”. Dessa forma, fica evidente que devemos abandonar o reducionismo, deixando de simplificar a realidade, permitindo que a criança faça a sua própria leitura do mundo, enxergando aquela determinada situação a partir das suas vivências, da sua realidade e de seu contexto, já que devemos considerar o mundo como um todo indissociável.

De acordo com Morin (2018), algumas instituições ainda trabalham com o conhecimento fragmentado, não permitindo conexões entre disciplinas e nem com a realidade do educando, podendo as possibilidades de reflexão e compreensão. E é este ensino que está configurando o modo de ser e pensar dos sujeitos envolvidos. Corroboro com Morin que a transdisciplinaridade seja o caminho para a prática de uma educação transformadora, que possibilite uma aprendizagem significativa para o educando, articulando os conhecimentos com os diversos contextos vivenciados por ele. Visando, assim, o desenvolvimento global do ser humano.

Durante a pandemia de COVID-19, com o ensino remoto/híbrido, tive a oportunidade de participar de relevantes formações continuadas, que me fizeram refletir sobre minha própria

prática pedagógica e sobre o real papel do educador na vida dos educandos e na sociedade de um modo geral. Acredito que precisamos estar em constante processo de reflexão, acerca das metodologias que utilizamos e dos nossos objetivos, sempre buscando enxergar e ouvir as crianças com sensibilidade, descobrindo quais são suas curiosidades e necessidades, permitindo que elas criem, experimentem, explorem e façam suas próprias descobertas, para que o conhecimento adquirido seja significativo e transformador. No primeiro semestre de 2022, participei das reuniões de estudo do Grupo de Estudos e Práticas em Educação e Psicopedagogia (GEPEPp)/CNPq, nas quais estudamos e refletimos sobre o livro “As cem linguagens da criança”, de autoria de Edwards, Gandini e Forman (1999), os mesmos narram as experiências significativas na região da Reggio Emília, no norte da Itália. Daí emergiu o conceito de “currículo emergente”, como sendo o tipo de planejamento que leva em consideração o interesse e as curiosidades que as crianças demonstram em aula, sendo flexível e adaptável às suas necessidades. Neste contexto, as crianças são enxergadas como sujeitos singulares e com direitos de uma educação viva, instigante, mobilizadora de sonhos, da imaginação, da criatividade, materializando assim, uma escola inovadora. Destacam a importância do respeito à infância, às suas subjetividades peculiares, próprias, pois entendem que cada uma delas é única e deve ser protagonista do seu próprio crescimento. A atividade do educador não é simplesmente responder perguntas, mas sim ajudar as crianças a descobrirem respostas e estimulá-las a tornarem-se seres reflexivos e críticos, portanto, o professor deve ser o mediador, o problematizador, o mobilizador do desejo de conhecer. A criatividade é parte da formação de cada indivíduo e a “leitura” da realidade é uma produção subjetiva, ou seja, um ato criativo.

O papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem. Tem, para nós, o papel de “distribuidor” de oportunidades; e é muito importante que a criança sinta que ele não é um juiz, mas um recurso ao qual pode recorrer quando precisa tomar emprestado um gesto, uma palavra. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 157).

É possível perceber o quanto o ensino mecânico ainda está presente nas escolas de Educação Infantil. Alguns educadores transferem seus conhecimentos, de maneira inquestionável, não permitindo que as próprias crianças construam seus saberes, tirando, assim, o direito de serem seres humanos críticos, anulando seus conhecimentos prévios e podendo suas oportunidades de crescimento.

Mesmo em pleno século XXI, não é raro encontrarmos educadores com planejamentos que os acompanham há anos. As turmas mudam, as crianças são outras, os contextos são repletos de diversidades, mas o planejamento segue ali, o mesmo. E esse fato, gera muitas inquietações: Onde ficam os interesses, as curiosidades e as necessidades das crianças? Será

que a aprendizagem que foi significativa para uma pessoa, também será para a outra? Se o mundo inteiro muda a todo o tempo, que sentido faz a educação permanecer a mesma? Que tipo de seres humanos estamos nos propondo formar?

O contexto que estamos vivendo, nos permite enxergar o tipo de seres humanos que esse ensino fragmentado e inflexível está formando. Muitas pessoas aparentam estar centradas apenas no seu próprio bem, sem se importar com um bem comum, o egocentrismo se faz tão presente, que pouco sobra espaço para a empatia. Mas, como querer que as pessoas enxerguem o “todo”, se elas foram ensinadas, durante toda a sua formação, a enxergar apenas os fragmentos? Esse método de ensino, formou seres humanos incapazes de enxergar além da sua própria realidade e sem o senso crítico necessário para exercer sua cidadania de uma forma consciente.

As trocas de experiências entre professores, me fazem perceber o quanto o ensino mecânico permanece enraizado em muitas realidades do nosso sistema de ensino. Mesmo diante de um contexto, no qual se torna emergente instigar a empatia, a solidariedade, o autocuidado, o respeito ao próximo, entre outros valores que são determinantes na formação de nossas crianças, alguns professores de Educação Infantil propõem atividades de reprodução, sem intencionalidade, que não serão verdadeiramente significativas para os educandos.

Enxergo a realidade como sendo a maior formadora de seres humanos, e a educação como processo de humanização e de personalização. E, por saber que a prática transdisciplinar está longe de ser majoritária em nosso sistema de ensino, optei por pesquisar sobre as “Práticas de inovação na gestão da aula: interdisciplinaridade e transdisciplinaridade”, pois tenho como principal objetivo mostrar quão emergente é mudarmos nossos métodos de ensino e proporcionarmos aprendizagens realmente significativas aos nossos educandos. O contexto atual necessita de uma formação voltada para a consciência coletiva, que não fragmente os conhecimentos e que integre os valores humanos às práticas formativas, ampliando, assim, a maneira do educando de perceber a realidade. Acredito que essa pesquisa se faz relevante pelo fato de muitos educadores, ainda não conhecerem a proposta transdisciplinar de ensino e por esse motivo, não terem tido a oportunidade de refletir sua prática pedagógica diante desta perspectiva.

Defendo a utilização dos contos de fadas no contexto escolar, como agente transformador, inovador desde minha graduação. Por acreditar que muitos educadores ainda não tinham consciência do quanto e de como os contos de fadas poderiam auxiliar no desenvolvimento infantil, me propus a pesquisar sobre o assunto, dando origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso que teve como tema “Os contos de fadas no contexto

pedagógico”, o qual foi defendido em 2014. Hoje, com mais experiência docente e mais saberes, percebo que durante muito tempo a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade estiveram presentes em minha vida, tanto pessoal quanto profissional, e um jeito eficaz de levar essa prática para as salas de aula, seria através dos contos de fadas.

Dessa forma, a pesquisa promoveu a prática interdisciplinar e transdisciplinar em uma turma de Pré-escola B, composta por dezenove crianças, com idades entre cinco e seis anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, através da contação de três contos de fadas adaptados à cultura gaúcha, da editora Reino Grande do Sul (2021), Palinha Vermelho, A Marrequinha Feia e Tri Porquinhos. Surgindo, assim, o problema da minha pesquisa: Como os contos de fadas gaúchos proporcionam ressignificar os sentidos dos contos de fadas clássicos? Tendo como objetivo geral, proporcionar inovações na Educação Infantil, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, propiciando atividades encantadoras a partir dos contos de fadas gauchescos. E, por objetivos específicos, aplicar os contos de fadas como meios para a constituição de práticas pedagógicas interdisciplinares e transdisciplinares e ressignificar os sentidos dos contos de fadas clássicos com suas releituras conectadas à cultura gaúcha.

## 2. REVISITANDO MINHA TRAJETÓRIA

Revisitar minha trajetória é olhar para o passado com os olhos do presente, buscando refletir, compreender e (res)significar nossas vivências. Como um todo indissociável que sou, nego-me a partir para o reducionismo e simplificar minha vida em poucas linhas, desta forma, já adianto a todos que sou uma longa e complexa história. Para que me compreendam, sinto a necessidade de contextualizar o principal fato do meu passado que me fez chegar até esse momento presente. O ano era 1994, eu ainda não havia completado dois anos de idade, e mesmo sem lembrar de tudo o que aconteceu naquele dia, sei que ele foi decisivo na minha vida. Meus pais contam que eu apresentava alguns sintomas gripais, nada grave, mas todos sabem o quanto de preocupação conosco nossos pais carregam no coração. Fui levada ao Pediatra, ele receitou “apenas” uma medicação errada, e naquele momento, minha vida se transformou. Foram convulsões seguidas de paradas respiratórias, as quais sou grata por não me lembrar. Tive uma segunda chance graças a um Neurologista, que para mim se tornou exemplo de profissional e de ser humano. Mas, os próximos dez anos não foram nada fáceis, tive que reaprender a andar, a falar, fiquei com sequelas psicológicas, neurológicas e fonoaudiológicas. Foi um caminho árduo, repleto de desafios, mas que me ensinou a ser resiliente, a acreditar no meu potencial e principalmente a ser um ser humano empático. Pois, desde que compreendi esse capítulo da minha vida, percebi que estamos nesse mundo uns pelos outros e que de alguma forma eu deveria retribuir o que esse médico fez por mim.

Figura 1 Uma das minhas primeiras fotos, em 1992.



Fonte: Arquivo da autora

Figura 2 Minha família e eu, em 1993.



Fonte: Arquivo da autora

Hospitais e clínicas médicas fazem parte de muitas das memórias da minha infância. Mas, trago comigo muitas boas recordações também... Fui a caçula de quatro irmãs e sempre fui muito mimada por todos. Não fui criada com luxo, meus pais nunca tiveram uma boa condição financeira e o custo do meu tratamento médico agravou ainda mais essa situação. Porém, tenho orgulho de dizer que meus pais nunca me deixaram faltar o básico, sempre batalharam para me dar algumas oportunidades que eles nunca tiveram. A nossa educação sempre foi prioridade, pois eles sonhavam em nos permitir ter uma realidade melhor do que a deles.

Com cinco anos fui para a Pré-escola, meu neurologista acreditava que interagir com outras crianças me faria bem. Mas, eu não estava preparada e não consegui ficar um único dia sozinha naquela escola. A instituição era maravilhosa, a minha professora era excelente, lembro-me até hoje dela. O problema era que ainda não era meu momento de estar lá, de viver aquela experiência, não estava pronta para sair da redoma de vidro que meus pais estavam me criando até então. Como bons educadores, sabemos que cada criança tem seu próprio tempo de desenvolvimento e não cabe a nós tentar acelerar esse processo, pois isso pode até mesmo gerar futuros traumas. Sou grata por minha família, mesmo sem conhecimento no assunto, ter compreendido isso, ter respeitado essa fase e não ter insistido para que eu ficasse, sozinha, em um ambiente que naquele momento não me fazia feliz.

O tempo passou, eu cresci e desenvolvi, agora, com sete anos, estava preparada para a vida escolar. Não sei se por causa das medicações que utilizava na época ou se pelo fato da

minha família sempre tentar estimular meu desenvolvimento ao máximo, com medo de que eu ficasse com alguma sequela mais grave, mas sempre fui uma criança muito inteligente. Confesso que demorava um pouquinho mais que os outros para copiar as lições do quadro, mas sempre aprendia tudo com muita facilidade. Já a minha interação com as outras crianças, não era tão boa assim. Eu era tímida e extremamente introvertida, quase nunca falava pois tinha sérios problemas de dicção e isso me causava grandes constrangimentos. Mas, sempre fui muito acolhida por toda equipe escolar, que sempre souberam de todas as minhas dificuldades e limitações, o que me trouxe segurança para que eu, aos poucos, me sentisse pertencente aquele grupo e me permitisse ser quem eu realmente era.

Figura 3 Foto retirada na EMEF Professora Altina Teixeira, em 2001, quando eu estava na terceira série.



Fonte: Arquivo da autora

Com onze anos, o grande dia chegou, o dia que eu havia esperado durante toda a minha vida, o dia em que eu recebi alta do Neurologista, depois de longos dez anos de tratamento. Lembro-me com nitidez deste dia, a consulta foi à tardinha, estava com meu pai e minha mãe no consultório médico e após ele avaliar o laudo de uma Tomografia Computadorizada que havia me solicitado, ele disse que eu estava curada, sem sequelas, o que era quase inacreditável. Neste dia, troquei minha medicação de comprimidos para gotas e começamos nossa contagem regressiva... Primeiramente foram cem gotas e a cada dia diminuíamos uma, para que eu não



sofresse uma abstinência daquela medicação que havia me acompanhado durante praticamente toda minha vida. Naquela época, eu já escrevia meus memoriais, possuía um diário no qual relatava cada um dos meus dias, e a página deste dia foi muito significativa para mim, pois representava a minha vitória, a primeira delas. Infelizmente, não possuo mais meu diário de infância, mas se fecho os olhos sou capaz de lembrar de cada detalhe dele. As folhas rosas e azuis e o cheirinho que vinha delas, com todos meus maiores sonhos e segredos protegidos por um grande pequeno cadeado.

Com o passar dos anos, fui me tornando mais confiante e extrovertida, as amarras e os medos ficaram no passado. Agora, eu me sentia uma adolescente “normal”! Continuei me dedicando muito aos estudos, pois sabia o quanto meus pais acreditavam em mim e o quanto sonhavam em ver uma filha graduando. Quando o Ensino Médio chegou, redobrei os estudos e durante esses três anos me dediquei quase que exclusivamente a isso. Sempre soube que minhas conquistas seriam proporcionais aos meus esforços e foi assim que em 2010 entrei para a Universidade Federal de Santa Maria. Aos 17 anos, iniciava minha graduação em Pedagogia e neste mesmo ano, vi meu mundo desabar com a separação dos meus pais. Eu tinha a consciência de que o casamento deles estava longe de ser um relacionamento saudável, mas por mais que esperasse o término, não queria acreditar que este dia havia chegado, foi uma história de amor que durou vinte e quatro anos e não terminou com um final feliz. Minha mãe decidiu seguir sua vida em outra cidade, mudou-se para Porto Alegre, afinal ela já havia dedicado dezessete anos de sua vida em prol da minha, ela também tinha o direito de ser feliz. Confesso que essa foi a decisão mais difícil de toda a minha vida, mas decidi ficar aqui, morando com meu pai, e continuando meu caminho em busca da minha formação, pois somente eu sabia o quanto tinha me esforçado para conseguir essa vaga e não me perdoaria se a desperdiçasse. Além disso, sabia que esse continuava sendo o sonho dos meus pais.

Os quatro anos de faculdade não foram fáceis, pois foi um período repleto de mudanças e crescimento para mim. Precisei amadurecer, crescer pessoal e profissionalmente, pois sabia que meu futuro só dependia de mim. Esses anos foram a base de toda minha trajetória profissional, pois me proporcionaram muitas oportunidades, conhecimentos e reflexões. A partir deles, comecei a compreender a real importância da educação e do educador na nossa sociedade, entendendo, assim, a imensa responsabilidade que teria em minhas mãos ao exercer essa profissão. Quando chegou o momento de dar início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, senti que precisava escrever sobre algo que me fascinasse, algo que me encantasse e principalmente algo em que eu acreditasse. Como boa sonhadora que sou, mesmo que a vida tentasse me mostrar o contrário, sempre busquei acreditar em um final feliz, e dessa forma

escolhi pesquisar sobre os “Contos de Fadas no Contexto Pedagógico”. Agora, com o tema escolhido, partia para a árdua missão de encontrar um professor que aceitasse me orientar. Essa tarefa não foi fácil, pois os educadores com os quais eu tinha contato orientavam trabalhos sobre metodologia de ensino, avaliação, inclusão, ludicidade, enfim esses temas mais corriqueiros em nossa profissão. Mas, trocar o tema do meu TCC não era uma opção, eu estava realmente animada com ele. Não sei se foi sorte ou destino, mas de tanto procurar um orientador, recebi a sugestão de entrar em contato com uma professora que também pesquisava sobre este assunto, eu não a conhecia, mas enviei um e-mail, ela era a minha última esperança. No fim, tudo saiu melhor do que o esperado, mais do que uma orientadora, ganhei uma incentivadora. Passei a admirar o trabalho que a professora Lorena Marquezan desenvolvia, era perceptível seu encanto e sua paixão pelo assunto. Possuíamos essa paixão em comum!

Foram dois semestres de muitas leituras e muita pesquisa, mas era algo muito leve, representava para mim muito mais que um trabalho, era algo que fazia os meus olhos brilharem, era a mais pura realidade de um faz de conta. Para finalizá-lo, optei por uma Pesquisa Qualitativa, mas queria fazê-la de um modo que fosse significativa para todos os envolvidos nela. Revisitei o meu passado e lembrei-me de um livro que havia lido na quarta série do Ensino Fundamental, desta época não guardava muitas lembranças boas dele, pois a professora tinha solicitado que fizéssemos um resumo do mesmo, lembro que minha mão doía de tanto escrever. Mas, alguns anos depois, enquanto passava um final de semana na casa da minha madrinha, que é professora de Geografia, encontrei esse livro em sua estante, ao lado de diversos livros sobre planícies, planaltos e demais formas de relevo. Pensei, por que não o ler novamente? Em poucas horas finalizei minha leitura, mas desta vez percebi a história com outros olhos, enxerguei nela um turbilhão de valores que haviam passado despercebidos na primeira vez. Fiquei visivelmente encantada com a história! Minha madrinha disse que eu deveria ler aquele livro pelo menos três vezes na vida e que em cada uma dessas vezes eu iria enxergá-lo com outros olhos. Eu já havia lido o livro na infância e na adolescência, então, por que não o ler, pela terceira vez, agora na fase adulta, e utilizá-lo na minha pesquisa? E foi assim que a história foi escolhida, desta forma levei meu tão amado “Pequeno Príncipe” à sala de aula e o apresentei aos meus pequenos. Confesso que estava nervosa pois essa leitura é tão complexa que fiquei com medo que eles tivessem a mesma primeira impressão que eu tive quando criança, de uma história extensa e exaustiva. Mas, o resultado superou até mesmo as minhas melhores expectativas, a compreensão e a significância que as crianças deram à história, me surpreendeu, mais que isso, me emocionou. E naquele momento soube que todo o esforço que eu havia

colocado neste trabalho tinha valido a pena. Assim, em 2014, graduei com a sensação de dever cumprido.

Figura 4 Formanda em Pedagogia, 2014.



Fonte: Arquivo da autora

Em 2012, eu já havia tido minha primeira experiência profissional, quando comecei a estagiar em uma Escola Municipal de Educação Infantil. Acredito que, naquele momento, eu ainda era muito imatura para compreender o quanto a vida pode ser injusta com os menos favorecidos e a realidade daquela escola pública foi desafiadora demais para mim. Vi e convivi com crianças tão pequenas e com vivências tão dolorosas, que me fizeram desistir daquela oportunidade. Ainda no mesmo ano, senti a necessidade de voltar a atuar nas salas de aula, então iniciei meu segundo estágio, dessa vez em uma escola particular, onde atuei até o ano de 2017. Carrego comigo, até hoje, todos os aprendizados que adquiri durante esses cinco anos e muita gratidão por todas as experiências que pude vivenciar dentro daquela escola. Na época, eu ainda era avessa a mudanças, mas, como tudo na vida, esse emprego não foi eterno e foi tendo a oportunidade de recomeçar que eu descobri o quão grande eu poderia ser. Compreendi que somos como pássaros engaiolados, nos sentimos tão seguros em nossa gaiola, que não percebemos o quanto pode ser surpreendentemente bom, o mundo fora dela.

Acredito que todo educador precisa estar em constante processo de formação, já que o conhecimento é essencial à prática docente, então, em 2014, iniciei minha especialização em Pedagogia Empresarial. Sempre admirei essa área, pois julgo extremamente importante termos líderes, que nos impulsionem, que nos motivem, que nos inspirem e que acreditem no nosso

potencial, e não chefes que enxergam apenas a produtividade do funcionário e não o ser humano que existe por de trás dele. Além disso, essa especialização me fez perceber o quanto é importante estarmos realmente satisfeitos com nossa escolha profissional, já que isso refletirá diretamente na qualidade do nosso trabalho e, por consequência, na vida de outras pessoas.

Em 2016, iniciei um curso técnico em Radiologia, uma área muito distante das salas de aula, porém tão humana quanto a Pedagogia, já que em ambos os casos, trabalhamos diretamente com seres humanos, com vidas e com o poder de transformá-las. Esse curso me tornou um ser humano ainda mais empático, capaz de compreender a dor do outro mesmo sem senti-la, de enxergar a pessoa como um ser humano que naquele momento precisa do meu cuidado e que eu exerça com profissionalismo e comprometimento a profissão que eu escolhi, pois, a sua vida depende disso.

No início do curso, tive o prazer de ter aulas com uma professora excepcional que ensinava sobre ética, resiliência e empatia, mas com ela aprendi muito sobre a vida. A admiração que tenho para com ela, faço questão de deixar explícita sempre que tenho a oportunidade, pois para mim ela se tornou, um exemplo de Ser Humano, repleta de humanidade, o que é algo tão raro hoje em dia. Bons professores ensinam lições, ótimos professores ensinam para a vida, mas somente excelentes professores são capazes de transformar sua vida. Ela me transformou e me fez reconhecer o verdadeiro sentido da vida, serei eternamente grata a ela, por ter me mostrado que nossas escolhas não precisam ser eternas e que podemos recomeçar quantas vezes forem necessárias, pois o importante é sermos felizes e honestos com nós mesmos.

Em março de 2020 concluí meu curso técnico e a cada dia tenho mais certeza de que posso fazer a diferença na vida de todos aqueles que passarem por mim, tanto atuando na área da saúde quanto na área da educação. Consigo fazer, facilmente, diversas conexões entre a Pedagogia e a Radiologia, mas, infelizmente, muitas pessoas ainda não compreendem o porquê de eu ter escolhido dedicar a minha existência a essas duas profissões “tão contrárias”. Acredito que o nosso modelo atual de ensino, forma pessoas incapazes de fazer tais relações entre esses conhecimentos, já que a educação, ainda, é vista, por muitos, apenas como meio de adquirir uma profissão e não como caminho para construir um mundo melhor.

Os corredores dos hospitais também são salas de aula, neles eu vi pessoas lutando pela vida e se agarrando a um último fio de esperança. Vi um pai ajoelhado, aos prantos, me dizendo que o coração do seu filho de cinco anos havia parado. Vi uma criança de onze anos, me dar uma lição de vida e maturidade, após estar se preparando para a sua décima oitava cirurgia cardíaca. Vi uma esposa, com seu filho recém-nascido, se despendido de seu marido de apenas

24 anos, após um grave acidente de carro. Vi essa mesma esposa decidindo pela doação de órgãos, agora seu choro se transformaria no riso de outra pessoa, o coração do seu amado continuaria batendo, mas em outro peito. Vi um quarto de UTI repleto de fotos, de memórias, e na cama uma menina jovem, mas já quase sem vida, graças à um choque anafilático que havia sofrido durante um intercâmbio. Vi seu noivo chorar pela sua partida, e confesso que sua dor também doeu em mim.

Estive na linha de frente durante uma das piores fases da pandemia, finalizava meus plantões com hematomas no rosto, causados pelas máscaras, com o corpo exausto e com o psicológico abalado por, muitas vezes, acreditar que perderíamos a batalha para esse vírus. Mas, permaneci ali, lutando diariamente, pois sabia que aquelas pessoas precisavam de mim. Eu acolhia-os e encorajava-os, mesmo que depois, sozinha, eu me permitisse chorar. Essas experiências me transformaram em um Ser Humano melhor, me fizeram enxergar o valor e significado das coisas mais simples, como poder acordar para mais um dia.

Muitos me disseram “quando você vestir o jaleco, seus sentimentos devem ficar do lado de fora”, não penso assim, acredito que quando visto meu jaleco tenho o poder de salvar vidas, mas para isso, preciso enxergar o paciente além da sua patologia, preciso enxergar o Ser Humano que se encontra ali, na minha frente, e deposita toda sua esperança na minha capacidade profissional. Segundo Bronfenbrenner (2011, p. 53), “nenhuma sociedade pode se sustentar por muito tempo sem que seus membros aprendam as peculiaridades, motivações e habilidade envolvidas na assistência e no cuidado de outros seres humanos”.

Figura 5 Formanda no Técnico em Radiologia, 2020.



Fonte: Arquivo da autora.

Mas, voltando para as salas de aula... Em 2017, comecei a atuar em outra Escola de Educação Infantil, em uma turma de Pré-escola, que me trouxe muitas novas experiências, pois até então tinha atuado apenas com turmas de Berçário, com crianças muito pequenas. Nessa turma, tinha dois alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sabendo que eles apresentam dificuldade em interagir e socializar, sempre busquei alternativas para que se sentissem, realmente, pertencentes aquela turma. Encontrei esse caminho na transdisciplinaridade, através de diálogos com a equipe multidisciplinar que trabalhava com essas crianças (Educadora Especial, Fonoaudióloga e Psicóloga) e com suas famílias, todos com o objetivo de proporcionar uma melhor qualidade de vida e uma maior autonomia para essas crianças, sempre promovendo aprendizagens significativas. Pouco tempo depois, assumi, concomitantemente, o cargo de Coordenadora Pedagógica dessa escola. Foi uma primeira experiência cheia de inseguranças, incertezas, erros e acertos, mas que me trouxe muitos aprendizados.

Sempre buscando ampliar meus horizontes e meus saberes, em 2017, iniciei minha segunda especialização, desta vez em Neuropsicopedagogia. Sempre tive profundo interesse por essa área, pois ter enfrentado atrasos de desenvolvimento quando criança, me fez compreender o quanto um profissional preparado para lidar com essas dificuldades pode fazer a diferença na vida de uma pessoa. A Neuropsicopedagogia, assim como a transdisciplinaridade, trabalha com aprendizagens que sejam significativas, fazendo conexões entre os novos conhecimentos e os conhecimentos prévios, pois acreditamos que todo conhecimento adquirido poderá servir de alicerce para a construção de um novo aprendizado.

Já adepta às mudanças que a vida me oferecia, decidi voar mais uma vez. E, em 2018, tive minha segunda oportunidade de atuar na Coordenação Pedagógica de uma escola de Educação Infantil. Agora, profissionalmente mais madura e mais experiente, compreendi meu papel de agente transformador nessa escola. Entrelaçando meus conhecimentos adquiridos na Graduação e na Pedagogia Empresarial, pude ser capaz de liderar uma equipe de professoras, sempre compartilhando saberes e vivências, construindo novos conhecimentos, refletindo sobre minhas ações e tentando inspirá-las a exercer uma educação que valorize o “ser”, em um mundo onde o “ter” parece sempre ser mais importante. Encontrei muitas dificuldades nessa caminhada, pois, mais uma vez, pude perceber o quanto o ensino mecânico está enraizado em nossas escolas e, principalmente, na mentalidade de muitas educadoras. Mas, acredito que docentes precisam ser resilientes, estando sempre abertos às inovações e possuindo a capacidade de se adaptar às mudanças exigidas pela sociedade em que vivemos.

Em março de 2019, realizei mais um sonho que carregava em meu coração, tornei-me servidora pública. Desde esse dia, atuo como professora de Educação Infantil na EMEI Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, agora, com sabedoria e maturidade suficientes para aprender a lidar com as adversidades que possam surgir no meu caminho. Pois, durante minha trajetória, aprendi o real significado da palavra “resiliência”, precisei superar todos os momentos difíceis e sobreviver a todas situações adversas, sem ceder à pressão, independentemente da situação. Mesmo nos piores momentos, encontrei razões para nunca desistir das minhas metas, dos meus objetivos e principalmente dos meus sonhos.

Durante a pandemia, vivemos em um cenário totalmente desconhecido e catastrófico, que nos gerou um turbilhão de medos e inseguranças, abalando nossas estruturas físicas, mentais e psicológicas, nos obrigando a nos reinventarmos, pois não podíamos fazer dessa quarentena uma sala de espera da nossa vida. Foi preciso adaptarmo-nos às circunstâncias impostas e sermos, mais do que nunca, resilientes, transformando essas experiências difíceis em aprendizados e oportunidades de mudança. Frente à essa realidade, trabalhar de forma transdisciplinar se torna cada vez mais emergente, pois essa concepção de educação promove uma visão mais integrada do ser humano, superando o lógico e tornando-se um processo dinâmico, coerente, dialógico e criativo, formando, assim, pessoas mais cooperativas, empáticas e solidárias. A transdisciplinaridade propõe uma educação que prepara o educando para a prática do autoconhecimento, para que ele tenha uma melhor relação com a sociedade e se reconheça como agente transformador da mesma. Porém, sabemos que ela ainda não é uma realidade majoritária.

O ensino mecânico, proposto por muitas escolas, simplifica a realidade e fragmenta o conhecimento humano em partes isoladas, sem contextualizar esses saberes, tornando a construção da cidadania planetária cada vez mais distante da nossa realidade, dificultando a compreensão do todo e impedindo que o educando veja, compreenda e enfrente os problemas que surgirem em sua vida. Desta forma, a educação atual precisa buscar por professores que estejam dispostos a modificar essa prática pedagógica, a fim de melhorá-la, promovendo uma formação que vise a plenitude do ser humano através de uma aprendizagem significativa, evitando, assim, o ensino mecânico e formando pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente reproduzir aquilo que já foi feito.

Cursar o mestrado está sendo a realização de mais um grande sonho em minha vida, uma oportunidade única de crescimento pessoal e profissional, um meio de adquirir e aprimorar meus conhecimentos, os quais considero, extremamente, relevantes para o exercício da minha profissão. Acredito que essa pesquisa inspirará outros educadores a praticarem essa educação

integral. Sei que o caminho será longo, mas tenho a convicção que mostrar a importância da prática transdisciplinar, na Educação Infantil, para a formação do ser humano “por inteiro”, será o primeiro passo para fazer com que essa perspectiva de educação se torne majoritária em nossas instituições de ensino.

Se minha trajetória se transforma-se em um conto de fadas, ele começaria mais ou menos assim: “Era uma vez, em um lugar não muito distante, uma menina com brilhantes olhos castanhos, que não possuía poderes mágicos, mas tinha o sonho de transformar o mundo em um lugar melhor...”.



### 3. CONECTANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA

Existem diversos tipos de quebra-cabeças, desde os mais simples, com poucas peças, até os mais complexos, que além de serem compostos por muitas peças, ainda apresentam variadas formas e possibilidades de encaixes. Há diversas estratégias que podem ser utilizadas para montar um quebra-cabeça, algumas pessoas começam separando as peças por cores e similaridades, outras preferem iniciar montando a parte externa, aquelas com a extremidade lisa e reta. Independentemente da metodologia que utilizamos, quando finalmente conectamos todas as peças desse jogo complexo, compomos uma imagem que antes não era possível enxergar com clareza.

Nesta pesquisa, utilizo o quebra-cabeça como metáfora para representar a relação do todo com as partes e vice-versa. Quando nos propomos a montar um quebra-cabeça complexo, precisamos ter consciência que o processo não será rápido e fácil como é quando montamos um jogo de vinte e quatro peças. Provavelmente, durante o percurso, iremos errar o encaixe das peças, mas após várias tentativas frustradas, encontraremos o encaixe correto. Uma única peça faltando ou no lugar incorreto, pode prejudicar todo o contexto do jogo, nos induzindo ao erro de compreensão. Quanto mais peças, maiores são as possibilidades e variáveis, maior é o desafio. Separadamente, muitas peças podem parecer insignificantes, mas quando as juntamos, conseguimos enxergar o todo.

Religar os saberes e superar a fragmentação do conhecimento, permitirá uma educação contextualizada e global. Segundo Morin (2006, p. 65), “educar para este pensamento (policêntrico) é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e consciência terrena”. O pensamento complexo nos permite interpretar o mundo e tudo aquilo que ocorre nele, a partir de uma visão de complementaridade. Para Morin (2006, p. 67), “o mundo torna-se cada vez mais um todo”.

Quando fragmentamos as áreas do conhecimento, é como se entregássemos às crianças um amontoado de peças de diferentes quebra-cabeças, que parecem não se conectar. Simplificamos a realidade e transferimos informações, mas não ensinamos como e onde utilizar essas informações, para que se transformem em conhecimentos pertinentes. A prática educativa precisa desenvolver a aptidão de articular os saberes, projetando-os em situações reais e contextualizadas, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade busca construir uma ponte que conecte as disciplinas, permitindo a formação global do ser humano, para que ele possa agir como sujeito provocador de mudanças na realidade em que está inserido. Japiassu (2006), acredita que é preciso que haja uma reforma

educacional, incentivando a valorização dos conhecimentos interdisciplinares, promovendo o desenvolvimento de um ensino transdisciplinar.

Para que tal mudança ocorra, é necessário que os sujeitos estejam dispostos a desaprender e a refazer seus esquemas mentais, questionando o conhecimento pré-estabelecido e indo em busca de um saber mais globalizado, considerando a complexidade do todo. Japiassu (2006), reconhece a coexistência de diversas realidades e, segundo o autor, é a transdisciplinaridade que irá enfatizar essas relações intersubjetivas e a multidimensionalidade dos fenômenos.

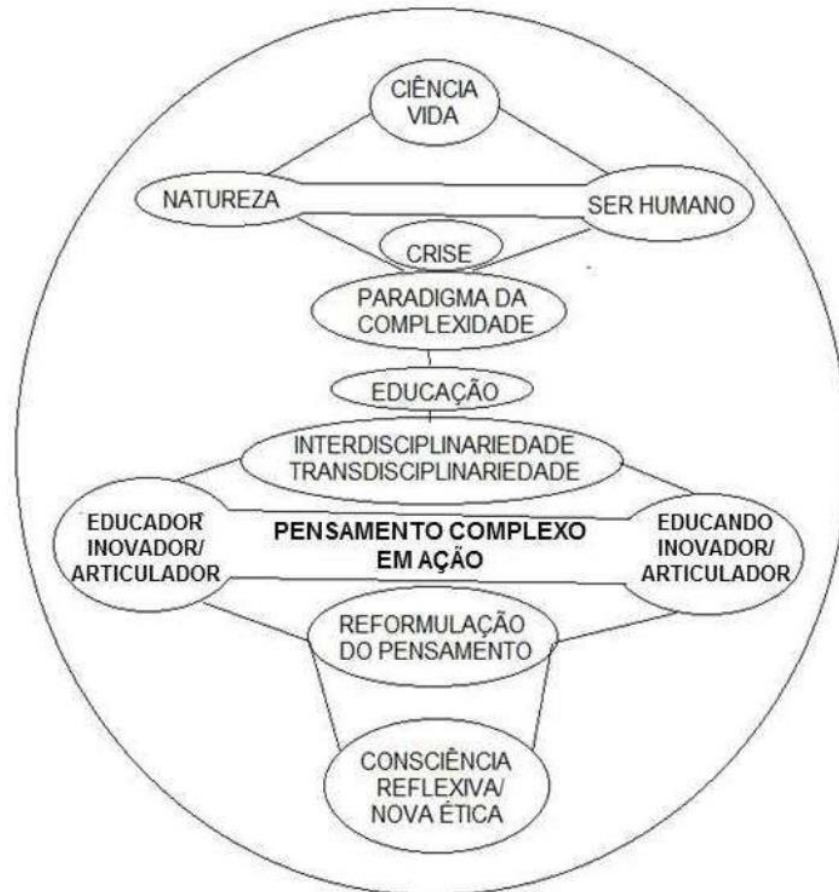
#### 4. EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO

Percebe-se que algumas escolas ainda enxergam a criança apenas como receptora de conteúdo e trabalham o conhecimento de modo linear e fragmentado, inibindo assim o desenvolvimento da mesma. Esse problema já existe há décadas na área educacional, as instituições dividem o conhecimento em especialidades, áreas, assuntos e simplesmente os transfere para os alunos, como se os mesmos não possuíssem conhecimentos prévios, advindos de suas vivências, afim de formar seres submissos, sem a criatividade e a criticidade, essenciais para a vida em sociedade. De acordo com Moraes (1996, p. 58),

Uma ciência do passado produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Uma educação sem vida produz seres incompetentes, incapazes de pensar, construir e reconstruir conhecimento. Uma escola morta, voltada para uma educação do passado, produz indivíduos incapazes de se autoconhecerem, como fonte criadora e gestora de sua própria vida, como autores de sua própria história.

Essa pesquisa, surgiu a partir da necessidade de implementar, nas escolas de Educação Infantil, uma nova perspectiva de educação, envolvendo práticas interdisciplinares e transdisciplinares, integrando diferentes disciplinas e construindo aprendizagens que vão além da sala de aula, desenvolvendo, assim, uma educação para a vida. Mesmo possuindo consciência das dificuldades que precisam ser enfrentadas para a efetivação da prática transdisciplinar nas escolas, acredito que precisamos buscá-la permanentemente, visando uma educação que prepare o educando para a prática do autoconhecimento, para que ele tenha uma melhor relação com a sociedade e se reconheça como agente transformador da mesma. Segundo Petraglia (1993), é fundamental pensarmos numa reformulação do pensamento, que considere as partes e sua relação com o todo e vice-versa, instigando, assim, a formação da consciência reflexiva e do pensamento complexo. É possível visualizar essas relações no gráfico abaixo:

Figura 6 Teoria da Complexidade na Educação.



Fonte: Paráfrase elaborada por Marquezan (2015, p.156).

É necessário enxergar o mundo como um todo indivisível, no qual todas as partes se relacionam e se completam. A fragmentação do conhecimento, impossibilita a conexão entre as diferentes áreas, dificultando o processo de ensino-aprendizagem. Morin (1998), defende a necessidade de articular as disciplinas, para que seja possível a efetiva compreensão do todo.

O currículo escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes, peca tanto quantitativa como qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre os saberes; dito de outra forma, as disciplinas com seus programas e conteúdos não se integram ou complementam, dificultando a perspectiva de conjunto e de globalização, que favorece a aprendizagem. (PETRAGLIA, 2001, p. 69).

Fazenda (2006), traz o significado de alguns termos que nos permite compreender a interdisciplinaridade como sendo a interação existente entre duas ou mais disciplinas, permitindo a percepção conjunta dos saberes, já que é de extrema importância que os conhecimentos se correlacionem e se complementem. Não objetivamos eliminar as disciplinas, mas tornar possível um diálogo entre elas. Segundo Lück (1994, p. 64),

A interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração, engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar

entre si e a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de um mundo e serem capazes de enfrentar os problemas, amplos e globais da realidade atual.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), afirma, em seu Art. 2º, que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Essa mesma legislação, refere no Art. 22, que “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. É possível perceber que a legislação nos incentiva a realizar uma educação voltada para o desenvolvimento global do ser humano, porém na prática, a educação continua fragmentando o conhecimento, prejudicando, assim, a aquisição dos saberes fundamentados nos valores humanos, éticos e sociais. Essa mesma educação, veda o senso crítico dos educandos, transferindo os ensinamentos como verdades absolutas e inquestionáveis, sem considerar seus conhecimentos prévios e sem olhar a criança por inteiro, ou seja, seu desenvolvimento físico, motor, afetivo, cognitivo, ético e social. Chalita (2003, p.11), questiona

Mas, como faremos se os valores que deveriam nortear a vida em sociedade parecem cada vez mais esquecidos? Como educar nossas crianças e jovens num tempo em que a aparência vale mais do que a essência e a competição e o individualismo teimam em ditar as regras dos relacionamentos, acabando por minar qualquer possibilidade de companheirismo, de amizade e de amor?

Ao refletir sobre o verdadeiro papel da educação e sobre a minha prática pedagógica, percebo que se faz necessário buscar novos caminhos. A adesão de uma perspectiva transdisciplinar, que integre os valores humanos em minhas práticas formativas e que busque um sentido mais consistente para a vida, pode ser o caminho mais eficaz para a inovação impactando no todo, na “inteireza do ser”, possibilitando o desenvolvimento aberto e inacabado dos seres humanos, tanto alunos quanto professores, nessa pesquisa o meu processo (auto)transformativo. Segundo Santos (2008), a transdisciplinaridade originou-se com o Teorema de Gödel, onde, em 1931, o autor propôs distinguir vários níveis de realidade. Em 1994, como foi registrado na Carta da Transdisciplinaridade, ocorreu o Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, na qual a concepção transdisciplinar adquiriu uma dimensão internacional e a escola passou a assumir o papel de preparar o educando para a vida em sociedade, considerando que a realidade não é fragmentada e que uma educação de qualidade deve envolver a compreensão do ser, da vida e da cultura, em suas relações e inter-relações. Diante deste contexto, Morin (2010, p. 99) reconhece que,

Reformar um pensamento é um problema paradoxal, pois para reformar o pensamento é necessário antes de tudo reformar as instituições que permitem esse novo pensar. Mas para reformar as instituições é necessário que já exista um pensamento renovado. Este não deve ser ultrapassado deve começar por movimentos marginais/ movimento piloto pelas universidades e escolas de boa formação. O grande problema é a reeducação dos educadores.

Sendo assim, o professor precisa desenvolver a capacidade de se libertar das suas antigas representações de escola e de educação e compreender que pensar em escola, atualmente, é pensar em reorientar o ser humano no mundo, reconfigurando o espaço e o tempo de aprender e ensinar. Segundo Moraes (1996, p. 62), precisamos considerar o aluno como “aquele ser que aprende, que atua na sua realidade, que constrói o conhecimento não apenas usando o seu lado racional, mas também utilizando todo o seu potencial criativo, o talento, a intuição, o sentimento, as sensações e emoções”. A complexidade da realidade, traz a necessidade de trabalharmos o conhecimento através de uma educação planetária, visando uma compreensão mais abrangente sobre o mundo em que vivemos. E esse é o desafio da educação, relacionar os conhecimentos, conectando todas as disciplinas. A transdisciplinaridade defende a concepção de que todos os saberes são igualmente importantes, superando, dessa forma, a hierarquização dos saberes existentes no contexto escolar. Segundo D’Ambrósio (1997, p. 89),

Se pretendemos uma educação abrangente, envolvida com o estado do mundo, abrindo perspectivas para um futuro melhor, temos que repensar nossa prática, nossos currículos. Os objetivos da educação são muito mais amplos que aqueles tradicionalmente apresentados nos esquemas disciplinares. Devem necessariamente situar a educação no contexto da globalização evidente do planeta.

Para que a aprendizagem se torne significativa, é necessário que o conhecimento seja construído através das interações entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois a aprendizagem que se dá a partir do ensino fragmentado e desarticulado, produz uma formação insuficiente para enfrentar a realidade e as práticas sociais de maneira crítica e eficaz. Esse método de ensino constrói um ser humano dividido, alienado e sem a humanidade necessária para a vida em sociedade.

No contexto em que estamos vivendo, se faz emergente uma formação capaz de construir pessoas com uma consciência coletiva, para que sejam capazes de enxergar o outro como um indivíduo que também tem sentimentos, que possui suas diferenças e que merece ser respeitado. Conviver com o outro e com o mundo como um todo, é extremamente complexo, e para que essa convivência seja saudável, precisamos nos tornar seres tolerantes, capazes de refletir e agir em prol de um bem comum. É necessário compreender que cada um enxerga o mundo de acordo com a sua realidade, e na sala de aula não seria diferente. O professor precisa respeitar o modo como o educando vê o mundo a partir das suas vivências, acreditando nas suas

potencialidades como ser humano pensante e crítico. Desta forma, a sala de aula se torna um ambiente de troca de saberes, onde aprendemos enquanto ensinamos.

O conhecimento está diretamente ligado à existência humana, ele se constrói a partir dos conhecimentos científicos, quando articulados aos contextos sociais. Sendo assim, é papel da escola proporcionar o desenvolvimento cognitivo e emocional do educando, significando as aprendizagens através de suas próprias experiências e contextos sociais, permitindo que ele seja autor da sua própria formação. O saber geral pode nos servir de base, porém, para realmente compreendermos uma situação, devemos considerar toda sua complexidade. Cada caso é um caso, com suas singularidades e particularidades, não podendo ser simplificado e generalizado. Além disso, todo saber deve ser igualmente valorizado. Os alunos trazem consigo uma bagagem de conhecimentos prévios e todos esses saberes podem ser utilizados de alicerces para a construção de novas aprendizagens.

Destacamos a importância de perceber que a missão da escola mudou, que em vez de atender a uma massa amorfa de alunos, despersonalizados, é preciso focalizar o indivíduo, aquele sujeito original, singular, diferente e único, dotado de inteligências múltiplas, que possui diferentes estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, diferentes habilidades de resolver problemas. Mas um "sujeito coletivo", inserido numa ecologia cognitiva da qual fazem parte outros humanos, cujo pensamento é influenciado pelas pessoas integrantes do ambiente, a partir de uma relação contínua existente entre o pensamento e o ambiente em geral, dois aspectos inseparáveis de um único processo, cuja análise em partes distintas não tem mais sentido." (MORAES, 1996, p. 64).

Essa mudança de paradigma se faz cada vez mais emergente. É necessário uma prática educativa construtivista e interacionista, que não considere o conhecimento como algo pronto e indiscutível, mas que compreenda que ele deve estar em constante processo de construção e que os saberes são transitórios, já que não há verdades absolutas. Além disso, é preciso compreender que todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, devem ser respeitados como seres ativos, críticos, criativos e singulares. A educação deve instigar o diálogo, para isso, os educadores devem estar dispostos a ouvir, mediando o processo de aprendizagem do educando, permitindo que ele reflita, analise, questione, problematize e construa suas próprias hipóteses.

## 5. QUANDO DUAS VOZES CENTENÁRIAS SE CRUZAM

Paulo Freire, Patrono da Educação, considerado mundialmente um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia. Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo, considerado um dos principais teóricos do campo de estudos da complexidade. Ambos nascidos em 1921, representam duas vozes centenárias que nos fazem refletir sobre a educação mundial, repensando o compromisso que temos em relação a formação integral de nossos educandos, conectando os saberes e religando-os aos valores essenciais para que o ser humano seja agente transformador da realidade ao seu redor, através de uma educação libertadora, que instiga a problematização, a criticidade e a criatividade. Ambos acreditam que não precisamos de uma escola reprodutivista, mas sim de uma escola desafiadora, que incentiva os sujeitos a serem protagonistas da sua própria formação. Tecendo as obras de Freire e Morin, percebe-se que elas são complementares, ambas questionam o ensino fragmentado e buscam superar a prática pedagógica conservadora, reformando esse pensamento para que seja possível atingir uma educação complexa e transformadora. Os autores defendem a necessidade de conectar as teorias, os saberes e as ciências, em busca de um ensino integral e contextualizado, criticando o saber isolado, que não possa ser relacionado com a realidade.

Freire (1987), caracterizava a educação bancária, como sendo aquela formação mecânica, que entrega aos alunos os conteúdos prontos e acabados, sem possibilitar questionamentos, críticas ou reflexões, dificultando o enfrentamento das possíveis adversidades e a formação integral do ser humano. Atualmente, ainda encontra-se esse método de ensino na maioria das instituições, que separa os conhecimentos por disciplinas isoladas, produzindo saberes fragmentados e simplificados. Ambos destacam a importância de uma educação significativa, defendendo a superação do acúmulo de conhecimentos fragmentados e descontextualizados. Apontam a urgência de substituir o pensamento que separa por um que une, acabando com o reducionismo e indo em busca de uma educação planetária, que enxergue as partes, mas que também compreenda o todo. Behrens (2014, p. 266), destaca:

A visão de totalidade e o desafio de superação da reprodução para a produção de conhecimento, proposta pelos autores, exige a formação de sujeitos cognoscentes e críticos, e este caminho implica em valorizar a reflexão, a discussão, a ação, a curiosidade, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento e, para tanto, a formação dos alunos depende da reconstrução da prática educativa proposta em sala de aula.

Freire e Morin enfatizam sobre a importância de compreender e aceitar as fragilidades das certezas absolutas, já que o conhecimento é transitório, sendo assim, incerto. O ensino deve instigar a criticidade, estimulando a explorar aquilo que ainda não conhecemos e não



simplesmente desconsiderar o desconhecido. Segundo Freire (1998, p.28), “tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente” e Morin (1995, p. 310), acrescenta “a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer”. Fica evidente que para que haja essa mudança de paradigma, é preciso primeiramente educar os educadores, para que eles tenham as competências necessárias para a prática educativa da atualidade.

Um dos pontos importantes para se superar esse paradigma educacional, é a desierarquização do saber, já que há uma pluralidade de saberes e todos eles são válidos, devendo ser respeitados. Para Maturana e Varela (2007, p. 30), “a única oportunidade que temos de descobrir as nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos”. Quando pensamos no ato de ensinar, devemos pensar na beleza de auxiliar na construção de seres humanos, através do diálogo, do respeito mútuo e da troca de saberes. Segundo Freire (1996, p. 98), “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

A formação continuada dos docentes se faz constantemente necessária, já que não há um modelo pronto de como ensinar. Além disso, é necessário que ele reflita sobre a sua própria prática, sobre suas limitações, estando disposto a realizar as mudanças necessárias para a sua aprimoração e possuindo consciência da sua inconclusão, já que somos eternos aprendizes. Freire (1992, p. 42), afirma que “educar tem característica de movimento e isso sustenta a prática profissional como forma de conceber a construção do professor em um processo histórico sempre inacabado”. É importante ressaltar que não basta o professor ser especialista em determinado assunto, se desconhecer sobre outros fatores que são essenciais para a prática docente. Ter conhecimento não significa reter informações dispersas, mas sim compreendê-las, contextualizá-las e saber utilizá-las.

Para uma educação significativa e transformadora, é necessário possuir uma visão mais ampla e compreender o contexto em questão, visando suprir as necessidades dos educandos e não transmitir conhecimentos para serem memorizados como sendo verdades absolutas e inquestionáveis. O aprendizado deve partir das vivências dos educandos, da realidade em que vivem, de forma contextualizada, utilizando seus saberes prévios como alicerce para a construção de novos aprendizados. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 12).

Freire (1987, p. 68), acredita que “em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos, que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente,

memorizam e repetem”. Segundo Morin (2000), a prática docente é focada na produtividade, na eficiência e na eficácia, onde o educador espera que o educando se adeque a moldes pré-estabelecidos pela sociedade, anulando suas capacidades críticas e criativas. É necessário alterar a relação entre professor e aluno, eles precisam se enxergar como parceiros no processo de ensino-aprendizagem e não como opressores e oprimidos, devendo haver um diálogo, um compartilhamento de saberes. Para que o ensino mecânico e fragmentado deixe de existir em nossos sistemas de ensino, é preciso que o professor exerça sua prática de forma ética, respeitando o aluno e enxergando-o como ser humano, como sujeito histórico, permitindo que ele seja protagonista da sua própria formação.

O educador deve instigar seus alunos a questionarem, a refletirem, a pesquisarem, para que eles se tornem seres críticos, capazes de construir seus próprios conhecimentos, sendo assim, autores e não meros reprodutores de conteúdos. Os educandos devem aprender a utilizar os autores como suportes teóricos, agregando e fortalecendo seus argumentos, mas não devem repeti-los, reproduzi-los. Diante disso, a vivência do educando deve ser considerada, e ele deve ser estimulado a fazer conexões entre seus saberes empíricos e os conhecimentos científicos, construindo assim, uma aprendizagem para a vida.

Morin, na teoria da complexidade, faz uma crítica ao ensino reducionista e fragmentado, definindo-o como “uma cultura escolar que dificulta a aprendizagem, que exclui a subjetividade e fragmenta a multidimensionalidade humana” (MORIN, 2007, p. 139). Em seu livro, Cabeça bem-feita (1999), ele defende um ensino que estimule a criticidade do educando, que o ensine a pensar, criar e resolver seus problemas, relacionando seus saberes com os conhecimentos científicos, recriminando o ensino que tem como objetivo uma “cabeça bem cheia”, onde os saberes são memorizados e acumulados, mas o educando não é capaz de utilizá-los. Destaca, ainda, que a educação deve ser um despertar, que preenche e traz um sentido para a vida, permitindo a cada um de nós ser quem verdadeiramente somos.

É importante sempre contextualizar as informações, pois quando simplesmente transferimos uma informação isolada ao educando, essa aprendizagem não se torna significativa, sendo assim, não fará sentido. A aprendizagem não ocorre de forma linear, trata-se de “um conhecimento em movimento, um conhecimento em vaivém, que progride indo das partes ao todo e do todo às partes” (MORIN, 1999, p. 108). Simplificar o conhecimento, significa podar as possibilidades dos educandos, privando-os de exercer sua autonomia. A educação transformadora é aquela que emancipa, que liberta os sujeitos, tornando-os seres reflexivos e críticos, capazes de exercer sua cidadania de maneira ativa e responsável. Há,

Formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Basicamente, as várias “educações” se resumem a duas: uma, que ele chamou de “bancária”, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; e outra, libertadora, que faz com que elas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas. (ROMÃO, 2010, p. 234).

Quando olhamos criticamente para o mundo em que vivemos, somos capazes de sonhá-lo de uma forma mais bela, e este sonho pode se tornar realidade através do ensino do conhecimento pertinente, que nos tornar mais humanos, e da complexidade, que permeia os diversos aspectos da realidade sem buscar certezas absolutas. Segundo Freire (1998, p. 28), “uma das condições necessárias ao pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas”. Cada ação que cometemos ou que omitimos, implica no destino da humanidade de maneira geral, desta forma, a educação deve servir para beneficiar a todos, indivíduo, espécie e planeta. Como seres humanos, devemos ser capazes de nos colocarmos no lugar do outro apesar de nossas diferenças individuais, de maneira empática, compreendendo o todo sem subestimar as partes.

## 6. ERA UMA VEZ

Sabe-se que os contos de fadas geralmente são vistos como um simples passatempo para as crianças, pois a maioria das pessoas desconhece sua real importância. Porém, o desenvolvimento psíquico que acontece na criança a partir das leituras dos contos de fadas, será de total importância para sua formação. Segundo Chalita (2003, p. 09-10),

A pureza, a ousadia e o espírito quase selvagem dos primeiros anos nos marcam de forma indelével por toda a existência... É como se esse período fosse comandado pelo ritmo de um relógio cujos ponteiros marcam só diversão e alegria... Um tempo cujo cheiro, gosto, cor e som continuamos perseguindo, de forma consciente ou inconsciente, por toda vida. Muito dessa beleza e dessas qualidades da infância é adquirido e aprimorado por meio das histórias que, quando crianças, ouvimos de nossos familiares – pais, mães, avós, avós, tios e tias – e professores.

Os contos de fadas podem auxiliá-las a passarem por conflitos da sua realidade e isso irá refletir positivamente no desenvolvimento do seu aprendizado. A partir dos contos de fadas, a criança é conduzida para um mundo de sonhos, onde pode-se aproximar a fantasia e o real, e onde as insatisfações cotidianas são compensadas por superpoderes e magia. Segundo Estes (1994, p.342), “não importa o lugar, não importa a hora, não importa a estação do ano, o fato de uma história estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes”.

A narração de histórias para as crianças envolve todas as oportunidades de interação que ela tem com o seu mundo imaginário. Para elas, a história não acaba quando chega ao fim, pois ela permanece na sua mente. Dessa forma, a criança é capaz de navegar em um mundo onde tudo é possível, mas, também, onde existem fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, auxiliando assim a formação da moralidade humana e conseqüentemente no desenvolvimento global do educando. Segundo Chauí (1987, p. 32),

Em primeiro lugar, o conto de fadas é essencial na formação da criança porque a ajuda, dando asas à sua imaginação, a distinguir o real e o irreal sem, contudo, reduzir este último ao falso: o irreal é verdadeiro, embora de maneira diferente do real. Em segundo lugar, ajuda a criança a estabilizar afetos conflitantes, configurando claramente o justo e o injusto, o bom e o mau, o verdadeiro e o falso nas relações com as pessoas, especialmente as mais próximas, mostrando-lhe que todos nós temos fantasias, mesmo as de destruição, sem deixarmos de ser amados por isso. Em terceiro lugar, garante à criança que é amada, e que esse amor não desaparecerá quando, ao crescer, ela se desligar de seus próximos para viver sua própria vida noutra lugar e com outras pessoas.

Sendo assim, uma maneira eficaz de significar os conhecimentos adquiridos, através da prática transdisciplinar, é a contação de histórias. Quando trabalhamos com os contos de fadas, podemos construir valores e perspectivas com as crianças, sejam em relação à vida e aos sentimentos, sejam em relação ao ser humano na sua complexidade. Segundo Bettelheim

(1978), todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, o medo, o desamparo, a rejeição e a morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para crianças. A solução geralmente encontrada na história e que quase sempre leva a um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas ao redor.

Quando a criança brinca de faz de conta, ela age em um mundo imaginário, porém, ela busca elementos da sua realidade. Nesses momentos, as crianças dão significados a movimentos, objetos, sons, pessoas e a si mesmas, por meio dos diferentes papéis que elas desempenham, e também expressam o que entendem sobre o mundo à sua volta. Lidar com a fantasia nos contos de fadas, é um recurso fundamental no processo do desenvolvimento humano porque favorece a comunicação via imagens simbólicas com as dimensões mais profundas da Psique.

Segundo Estes (1994), não podemos e nem devemos sobreviver sem a vida criativa. Através dos contos de fadas adentramos magicamente no nosso inconsciente, condição básica para se conhecer o significado profundo de nossa vida. O professor precisa trazer para a sala de aula a história a ser trabalhada, da maneira mais presente possível, como se ela estivesse acontecendo naquele momento em que está sendo narrada. A apresentação do mundo dos livros para as crianças deve ocorrer de maneira lúdica, e deve sempre fazer algum sentido para a criança.

O professor, quando lê o texto, o lê simultaneamente para fora, para dentro e para os ouvintes. Para fora porque o professor pronuncia para si mesmo e para os demais isso que diz o texto. Para dentro porque o professor diz o texto com a sua própria voz, com sua própria língua, com suas próprias palavras, e esse redobrar-se do texto faz com que as palavras que o compõem soem para ele, lhe pareçam ou lhe digam de um modo singular e próprio. Para os ouvintes, porque o professor diz o texto no interior de algo comum, daquilo que poderíamos chamar de seu “sentido comum”, aquilo que os ouvintes sentem em comum quando prestam atenção à mesma coisa e que nada mais senão a experiência da pluralidade e do infinito do sentido. (LARROSA, 2016, p.141).

Um mesmo texto, terá um sentido diferente para cada pessoa que lê-lo, pois cada um projetará sua realidade, suas crenças, seus sentimentos e seus saberes na narrativa, fazendo com ela tenha múltiplas possibilidades de significâncias. Por isso, é importante que o educador permita que o educando expresse a sua própria interpretação da história, que ele reflita o conto a partir do seu próprio ponto de vista, considerando suas experiências de vida. Bettelheim (1978, p. 11), complementa

Para que uma história realmente prenda a atenção de uma criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os

problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e no seu futuro.

Segundo esse autor, a literatura é capaz de canalizar informações que servirão de suporte para que as crianças encontrem um significado para suas vidas, pois o aprendizado, além de estimular o desenvolvimento, deve contribuir no processo de compreensão de si mesmas e dos outros, nesse mundo tão complexo com o qual elas precisarão aprender a lidar. As histórias, quando inseridas de maneiras significativas, podem auxiliá-las a colocarem seus pensamentos em ordem e entenderem seus próprios sentimentos. Elas trazem, mesmo que de forma inconsciente, exemplos de soluções para os conflitos vivenciados pelas crianças, transmitindo coragem para que elas enfrentem seus obstáculos e dificuldades.

A cultura faz parte da essência da educação, nutrindo todo processo educacional e auxiliando na formação de um indivíduo social e crítico. Quando entrelaçamos a cultura ao processo de ensino-aprendizagem, permitimos que as crianças se sintam pertencentes àquele ambiente, tornando-se conhecedores de sua origem. Porém, geralmente ela é trabalhada nas instituições de ensino apenas próximo às comemorações farroupilhas, através de atividades superficiais.

A cultura é um conjunto de conhecimentos, valores, costumes, modos de agir e de se comportar, adquiridos pelos seres humanos como membros de uma sociedade. Esse conjunto constitui o contexto simbólico que nos rodeia e vai formando nosso modo de pensar e de agir, isto é, nossa subjetividade. As práticas culturais em que estamos inseridos manifestam-se em nossos comportamentos, no significado que damos às coisas, em nosso modo de agir, em nossos valores [...] (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2006, p. 319).

Desempenhando um papel relevante no processo de aprendizagem, ela propicia diversos saberes, podendo integrar-se às diferentes áreas de conhecimento. Porém, é importante salientar a importância de instigar o respeito e a aceitação das diferentes culturas, auxiliando na formação da cidadania e contribuindo para a construção dos valores morais. Pilleti (2007, p 169), relembra que “o estado do Rio Grande do Sul foi formado por vários povos: indígenas de diferentes etnias, portugueses, espanhóis, negros, alemães, italianos e muitos outros, cada um com seus costumes e sua cultura próprias”. Uma das maneiras de valorizar a riqueza da pluralidade cultural existente no Rio Grande do Sul e levar a nossa cultura para dentro das salas de aula, é através da contação de histórias.

## 7. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para essa pesquisa qualitativa, utilizei a pesquisa formação proposta por Josso (2010; 2020), contendo as narrativas (auto)biográficas como percurso metodológico, não com o intuito de estabelecer estatísticas generalizadas, mas sim de implementar atividades interdisciplinares e transdisciplinares, através dos contos de fadas clássicos e gauchescos. Essa metodologia, "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (MOITA, 1995, p. 113), reconhecendo que a realidade é multifacetada, pois é construída através das experiências vividas por cada ser humano, considerando suas subjetividades.

Histórias de vida são um potente caminho metodológico em pesquisa qualitativa. No decorrer da vida, as pessoas encontram desafios, que quando narrados reflexivamente, contribuem para a compreensão de suas vivências. As narrativas autobiográficas nos permitem ressignificar o momento vivido, ampliando nossas reflexões e significações dos trajetos já percorridos. Segundo Abrahão (2016), quando narramos nossa história a outras pessoas, revelamos o sentido da nossa própria vida, na dimensão pessoal e profissional.

As vivências são impregnadas de sentimentos ou tensionamentos e estão relacionadas às lembranças de fatos que aconteceram em um determinado lugar, tempo e espaço. Aquele que narra sua história, traz à tona momentos em que se confronta consigo mesmo. Conforme Abrahão (2016), a história de vida é uma elaboração subjetiva, pois, ao narrar sua própria trajetória, o sujeito (res)significa o vivido, pelo esforço de relembrar acontecimentos, minimizando uns, destacando outros, esquecendo ou reprimindo alguns. Sendo assim, "é na relação da palavra dada e a escuta atenta que é possível a construção de uma história de vida" (ABRAHÃO, 2016, p. 30).

A investigação na educação é um exercício de reflexão, porque sempre é necessário retomar para avaliar. Quando decidimos pesquisar com os professores e não sobre eles, assumimos que eles têm força em seu fazer e devem ser reconhecidos por aquilo que contam. Histórias de vida que se repetem, se diferenciam, se tornam coletivas, se olham como singulares e plurais (Josso, 2010). Muitos se reconhecem na fala do outro. Memórias (auto)biográficas, nos possibilitam inventarmos um novo presente, pois constituem-se verdadeiros processos de descoberta e reinvenção de si, propiciando o autoconhecimento, o heteroconhecimento e o interconhecimento de acordo com Josso (2010).

## 7.1. ESTADO DO CONHECIMENTO

Por considerar importante contextualizar esta pesquisa, busquei publicações realizadas sobre o tema, durante os anos de 2019 a 2022. A busca foi realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior), filtrando apenas os da área da Educação e utilizando os seguintes descritores: “Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Contos de Fadas. Educação Infantil. Inovação.”.

Quadro 1 Quantitativo de pesquisa a partir de buscas na Biblioteca Digital de Teses

Descritores	Mestrado	Doutorado	Quantidade total de pesquisas	Dissertações com relevância para a temática em estudo	Teses com relevância para a temática em estudo
Interdisciplinaridade Transdisciplinaridade Contos de Fadas Educação Infantil Inovação	4.090	2.317	6.407	3	0

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da busca, como mostra o quadro anterior, encontrei três dissertações de Mestrado que apresentavam relevância para a minha temática de estudos:

Quadro 2 Publicações com relevância para a temática em estudo.

Universidade	Ano	Tipo de trabalho de conclusão	Autor(es)	Título	Palavras-chave
Universidade Comunitária Da Região De Chapecó	2020	Dissertação	Evanete Antunes Ferreira	A Literatura Infantil Na Perspectiva Da Educação Intercultural	Literatura infantil. Diversidade cultural. Interculturalidade.
Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	2020	Dissertação	Leticia Machado Moreira	Contribuições Da Literatura Para A Formação Do Sujeito Moral Na Educação Infantil	Criança. Infância. Educação Infantil. Literatura Infantil. Formação moral.
Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte	2021	Dissertação	Ursula Gabriela Dantas De Menezes	Literatura Infantil Na Educação Infantil: Acervos E Práticas Em Instituições	Educação Infantil. Literatura Infantil. Práticas Pedagógicas. Acervos literários.

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa de Ferreira (2020), publicada como “A literatura infantil na perspectiva da Educação Intercultural”, discute como as diversidades culturais vem sendo abordada nas literaturas infantis. As análises dessa pesquisa, possibilitaram pensar sobre a importância da literatura infantil para uma educação voltada aos saberes da cultura regional e local. Moreira (2020), buscou compreender a contribuição da literatura, na Educação Infantil, para a formação



moral das crianças, através da pesquisa intitulada como “Contribuições da literatura para a formação do sujeito moral na educação infantil”. Menezes (2021), seguindo nesta mesma temática, publicou a pesquisa “Literatura infantil na Educação Infantil: acervos e práticas em instituições”, tendo como objetivo analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas em instituições de Educação Infantil. A autora destaca a relevância da literatura para o desenvolvimento da criança, já que propicia a vivência de fantasia, a ludicidade, estimulando a linguagem, a cognição, a afetividade e a liberdade.

Fica evidente que as pesquisas realizadas a nível de Mestrado e Doutorado, abrangendo a temática “Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Educação Infantil, a partir dos Contos de Fadas”, são insuficientes. Justificando, assim, a necessidade desta pesquisa inovadora, objetivando ampliar o conhecimento acerca dessa temática.

## 7.2. LOCAL, SUJEITOS E PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, localizada na zona Oeste de Santa Maria, em uma turma de Pré-escola B, composta por dezenove crianças, com idades entre cinco e seis anos. Destas, cinco são meninas e quatorze são meninos, entre eles, há um com Transtorno do Espectro Autista.

No decorrer de todo ano letivo de 2022, desenvolvi, com essa turma, projetos interdisciplinares e transdisciplinares, sempre buscando conectar as diferentes áreas do conhecimento, relacionando-as com as realidades e vivências das crianças. Durante os últimos meses do ano, desenvolvemos as atividades relacionadas aos contos de fadas gauchescos. Do dia sete ao dia onze de novembro, trabalhamos a partir da história “A Marrequinha Feia”, do dia dezesseis ao dia dezoito de novembro, a partir da história “Tri Porquinhos” e do dia vinte e um ao dia vinte e cinco de novembro, a partir da história “Palinha Vermelho”.

No dia 29 de novembro, iniciamos a escrita do conto “No Reino encantado do Pré B”, definindo o enredo, os personagens e ilustrando as cenas. No dia dois de dezembro, as crianças foram convidadas a narrar a história, finalizando, assim, o nosso projeto.

## **8. CONSTRUINDO APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS A PARTIR DOS CONTOS DE FADAS**

Durante o ano de 2022, enquanto atuei como professora na turma de Pré-escola B, foi possível perceber o interesse das crianças pela contação de histórias, por esse motivo e por saber o quanto a literatura infantil pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvi minha pesquisa utilizando os contos de fadas.

Em 2021, a Editora Gaúcha lançou a coleção “Era uma vez no Reino Grande do Sul”, inspirada nos grandes clássicos da literatura, então, com o intuito de preservar a nossa cultura, selecionei três destas histórias: Palinha Vermelho, A Marrequinha Feia e Tri Porquinhos. Busquei escolher, entre os clássicos, os mais populares, para que fosse possível valorizar o conhecimento prévio das crianças em relação às histórias. Então, antes que explorássemos cada um dos contos gauchescos, propus que as crianças revisitassem suas memórias, buscando relembrar os contos clássicos, e compartilhassem suas recordações com a turma. Coletivamente, colaborando uns com os outros, contaram as seguintes histórias:

### **O Patinho Feio**

“Um ovo de cisne caiu do ninho e foi parar no ninho dos patos. Aquele ovo era maior que os outros. O patinho que nasceu dele, era cinza, por isso os irmãos não gostavam dele, pois o achavam feio, mas ele só era diferente, aquele era o jeito dele.

Os caçadores que estavam no lago, caçaram a mãe pata. O patinho feio viu e fugiu. Era inverno e um homem o levou para sua fazenda, para protegê-lo do frio.

Quando o patinho cresceu, virou um cisne e nunca mais riram dele e ele encontrou uma família parecida com ele, que o amava.”

Fazendo uma análise da produção inovadora feita pelas crianças do conto de fada clássico “O Patinho Feio”, percebemos a força dos sentimentos de pertencimento atravessada pela força da amorosidade quando no final da história eles afirmam que a família que o adotou o amava muito.

### **Os Três Porquinhos**

“Os porquinhos foram conversar com a mãe deles, porque queriam ter uma casa só pra eles, como seus amigos tinham. A mãe os deixou saírem de casa. Um construiu uma casa de palha, outro de madeira e outro de tijolos. Os que construíram as casas de palha e de madeira

queriam brincar, por isso usaram material mais fraco. O porquinho mais trabalhador, era o mais velho, que construiu a casa de tijolos.

Um dia, veio um lobo e soprou a casa de palha. Ela caiu! O porquinho correu para a casa de madeira do seu irmão. O lobo soprou a casa e ela também caiu. Os dois porquinhos correram para a casa de tijolos. O lobo soprou e a casa não caiu. Então, ele escalou até a chaminé. Os porquinhos colocaram um caldeirão com água quente embaixo da chaminé e quando o lobo desceu, queimou a cauda e foi embora.”

Analisando a história ressignificada pelos alunos, eles inovaram o final da mesma, imaginando e recontando que os porquinhos colocaram um caldeirão com água quente, embaixo da chaminé, como uma emboscada para afastar o lobo mau que saiu queimado. Percebemos que eles substituíram o fogo da história clássica, pelo caldeirão, o que mostra que eles são inventivos, usam a imaginação para parafrasear a mesma.

### **Chapeuzinho Vermelho**

“A mãe da Chapeuzinho fez rosquinha para ela levar para a vovó e disse para não ir pelo caminho errado. Mas, a Chapeuzinho desobedeceu a mamãe.”

As crianças não entraram em um acordo de como a Chapeuzinho Vermelho acabou indo pelo caminho errado... Algumas disseram que ela se perdeu, pois começou a nevar, apagando suas pegadas do chão, outras falaram que ela foi atrás de uma borboleta e o restante contou que ela foi no bosque buscar flores para levar para a vovozinha.

“Indo pelo caminho errado, ela encontrou com o lobo mau que queria comer as rosquinhas que estavam na sua cesta. Então, ele correu para a casa da vovó.

Quando a Chapeuzinho chegou, o lobo fingiu ser a vovozinha. Então ela disse:

- Que olhos grandes você tem?
- É para te enxergar melhor. – Respondeu o lobo.
- Que orelhas grandes você tem?
- É para te ouvir melhor. – Respondeu o lobo.
- Que boca grande você tem?
- É para te comer. – Respondeu o lobo.

Um caçador que passava por ali, ouviu os gritos da Chapeuzinho e foi socorrer ela.”

O destino do lobo também foi discutido pelas crianças, pois algumas contam que o caçador o matou e cortou sua barriga para tirar a vovó, outras dizem que o lobo fugiu quando viu o caçador.

Foi perceptível o entusiasmo das crianças ao narrarem as histórias, já que, geralmente, era eu quem contava para elas. Permitir esse protagonismo infantil, estimulou a imaginação, a oralidade e o respeito ao outro, pois demonstraram uma escuta sensível ao ouvir seus colegas, mesmo que a versão do conto fosse diferente da sua. Segundo Bettelheim (1978, p. 238), “o valor do conto de fadas para a criança é destruído se alguém lhe detalha seu significado”.

Todos os bons contos de fadas têm vários níveis de significado; só a criança pode saber quais aqueles que são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos desses contos bem conhecidos, e isso lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, uma vez que a mesma história agora lhe revela muito mais. Isso só pode ocorrer se não a tiverem informado didaticamente daquilo que a história supostamente trata. O conto de fadas só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente seus significados previamente ocultos. Essa descoberta faz com que uma história passe de algo que é dado a criança a algo que ela em parte cria para si própria. (BETTELHEIM, 1978, p. 238).

Para a narração das histórias adaptadas ao contexto do Rio Grande do Sul, utilizei os livros que trazem lindas ilustrações que nos remetem à cultura gaúcha, as músicas que podem ser acessadas através de um QR-Code, de autoria da Editora Gaúcha, e fantoches dos personagens, buscando contá-las de maneira lúdica e interativa. As crianças demonstraram-se encantadas quando descobriram que esses Contos de Fadas aconteciam em cidades bem perto de Santa Maria, aproximando-os da nossa realidade. Quando as questionei sobre as diferenças que existiam entre esses contos e os clássicos, elas destacaram o nome dos personagens, suas vestimentas e seu dialeto, já que, segundo elas, “eles falam como nós”.

Figura 7 Recursos utilizados para a contação da história “Tri Porquinhos”.



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 8 Recursos utilizados para a contação da história “Palinha Vermelha”.



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 9 Recursos utilizados para a contação da história “A Marrequinha Feia”.



Fonte: Arquivo da autora, produção da autora.

Com o objetivo de unir as diversas áreas do conhecimento, construindo uma aprendizagem significativa, através da interação com as crianças, permitindo que elas integrassem os estudos com suas vivências e realidades, sendo autoras da sua própria formação, propus atividades que contemplaram os seis direitos de aprendizagens (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), propostos pela BNCC (2018).

Após a contação da história “A Marrequinha Feia”, as crianças acharam errado o modo como a personagem principal era tratada pelos outros, apenas por ser diferente. Então, propus que elas fizessem uma ilustração e deixassem um recado para a Marrequinha. Esta proposta instigou a reflexão e a criticidade das crianças, fazendo com que elas percebessem que o que aconteceu nessa história, também pode acontecer na nossa realidade. Elas demonstraram-se muito empáticas, e acolheram a personagem através de mensagens como “te amo muito”, “não fica triste”, “você é linda” e “fica feliz”.

Figura 10 Alguns dos recados que as crianças deixaram para a Marrequinha.



Fonte: Arquivo da autora.



Na história, a Marrequinha começa a não querer mais ver seu reflexo na água, já que todos zombavam de sua aparência. Mas, as crianças achavam a personagem muito bela, exatamente do jeito que ela era. Então, propus que confeccionassem diferentes tipos de patos, marrecos e cisnes, fixando-os em CD's, que representavam o lago, onde era possível enxergar o reflexo, encorajando a personagem a aceitar a sua singularidade. Essa atividade, permitiu uma reflexão sobre nossas diferenças, sobre nos aceitarmos do jeito que somos e respeitarmos os outros como eles são. Já que utilizamos material reciclado (CD's), aproveitei para ressaltar, também, a importância da reciclagem para mantermos uma sociedade sustentável e preservarmos o meio ambiente. Além disso, durante o desenvolvimento da atividade, as crianças descobriram que quando o sol refletia no CD, formava um lindo arco-íris, deixando nossa aula ainda mais colorida e encantadora. Essas produções artísticas, estéticas, éticas nos reporta ao autor Morin, no seu livro “Educar na era planetária” (2003), quando afirma que longe da improvisação, mas também buscando a verdade, o método como caminho que se experimenta seguir é um método que se dissolve no caminhar [...] Isso explica a atualidade e o valor dos versos de Antônio Machado quando afirma que “caminhante não há caminho, o caminho faz-se caminho ao andar.” [...] A simplicidade expressiva esconde a experiência de uma dolorosa e lúcida percepção da complexidade da vida e do humano; a função essencial da verdadeira literatura, se resume a isso: mostrar a experiência da humanidade traduzida em forma de saber e de conhecimentos, tantas vezes deixada de lado pela atividade acadêmica, e hoje tão necessária para educar e educar-nos.

Figura 11 Patos, marrecos e cisnes feitos pelas crianças.



Fonte: Arquivo da autora.

Na sequência, propus a brincadeira “Patinho Feio. Primeiramente, pedi para que as crianças sentassem em círculo, representando os patinhos. Uma delas, foi escolhida para ser o “ganso” e deveria andar ao redor do círculo tocando na cabeça dos colegas, dizendo “patinho, patinho”, escolhendo apenas um para dizer “patinho feio”, quando tocasse na cabeça. O participante que foi escolhido pelo “ganso”, deveria se levantar e correr atrás dele. O “ganso” tentaria sentar no lugar onde o colega estava. A criança escolhida como “patinho feio”, era o próximo “ganso”. Além de proporcionar muita diversão, essa atividade estimulou a cooperação e o respeito entre as crianças, instigando a autonomia e o desenvolvimento da coordenação motora ampla.

Figura 12 Brincadeira “Patinho Feio”.



Fonte: Arquivo da autora.

A última atividade proposta a partir da história “A Marrequinha Feia”, foi o jogo “Ovos Numéricos”, com o intuito de estimular o raciocínio lógico-matemático de maneira lúdica. Para isso, as crianças receberam ovos de papel, onde deveriam escrever um numeral e representar a quantidade a partir da colagem de lantejoulas. Após, deveriam recortar o ovo, como se a casca estivesse “quebrando”. Para jogá-lo, foi proposto que se reunissem em grupos e juntassem seus ovos, misturando-os e montando-os novamente, relacionando numerais e quantidades.



Figura 13 Jogos Numéricos.



Fonte: Arquivo da autora.

Após a contação da história “Tri Porquinhos”, propus que as crianças construíssem as casas e os personagens do conto. Para a confecção das casas, as crianças juntaram-se em três grupos, sendo que cada um deles ficou responsável por uma delas. O desafio era montá-las utilizando formas geométricas (quadrado, retângulo, triângulo e círculo) e após, finalizá-las com materiais que ajudassem a identificá-las. Para a finalização da casa de palha, as crianças utilizaram aparas de lápis de cor, para a de madeira, palitos de picolé e para a de tijolos, retângulos de EVA. Essa proposta foi significativa, pois estimulou o raciocínio das crianças e fez com que elas trabalhassem em grupo, colaborativamente. Para isso, elas precisaram conversar, argumentar, ouvir e respeitar a opinião dos colegas.

Os personagens da história foram feitos com rolinhos de papel higiênico, ressaltando, novamente, a importância da reciclagem. Para confeccioná-los, as crianças pintaram os rolinhos com a cor do personagem que escolheram, esperaram a tinta secar e finalizaram os detalhes com canetinha. Após tudo estar pronto, as crianças puderam brincar de faz-de-conta com o cenário e os personagens da história. Esse momento instigou a criatividade e a imaginação das crianças, permitindo que elas recriassem a sua própria narrativa. Porém, quis ir além, então propus que as crianças brincassem de “Tri Porquinhos”, através de encenações. Para isso, construímos as casinhas em tamanho real, utilizando cadeiras e mantas, para que os “porquinhos” pudessem se esconder do “lobo guará”. A diversão foi garantida, pois agora elas próprias eram os personagens e nessa história, até o lobo se escondia dos porquinhos.

Figura 14 Confecção dos Personagens.



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 15 Casas e personagens feitos pelas crianças.



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 16 Brincando de “Tri Porquinhos”.



Fonte: Arquivo da autora.

Enquanto trabalhávamos com esse conto, as crianças levantaram uma questão muito interessante: “O lobo guará realmente é mau?”. Refletimos juntos e chegamos à conclusão de que o lobo não era ruim, ele só estava com fome, pois estava há dias sem se alimentar e já que eles são carnívoros, assim como nós, os porquinhos seriam uma boa refeição. É sempre importante permitir que as crianças questionem e argumentem sobre o seu ponto de vista, pois um fato sempre terá diferentes versões. Se enxergássemos apenas o lado dos porquinhos, o lobo realmente seria mau, mas e a versão do lobo, será que alguém já havia pensado nisso? A transdisciplinaridade tem o intuito de estimular a compreensão do todo, já que a realidade é muito mais complexa do que imaginamos, ela contém o bom e o mau, os aspectos éticos, culturais, espirituais, biológicos, antropológicos, psicológicos.

A última história narrada, foi “Palinha Vermelho” e uma das coisas que chamou a atenção das crianças, foi o que a Palinha levava em sua cesta para a vovozinha. Como essa versão acontece no Rio Grande do Sul, a cesta estava repleta de gostosuras aqui do nosso Estado, como cuca, chimia e sagu. As crianças ficaram entusiasmadas e quiseram montar uma cesta para presentear alguém especial, então, em um gesto de carinho, confeccionaram cestas



para seus colegas. As cestas foram muito variadas, algumas eram repletas de doces e gostosuras, outras eram mais saudáveis, sendo compostas por frutas e verduras, mas o principal foi que as crianças as fizeram pensando no colega, refletindo e perguntando sobre que ele gostaria de ganhar.

Figura 17 Algumas das cestas feitas pelas crianças.



Fonte: Arquivo da autora.

Já que havíamos montado cestas de faz-de-conta, por que não fazermos uma de verdade? Pensando nisso, propus que juntos fizéssemos um momento de culinária, com algo tipicamente gaúcho, mas que a Palinha não havia levado para a vovó, “bolinho de chuva”. Primeiramente, separamos todos os ingredientes que iríamos utilizar:

- 2 xícaras de farinha de trigo;
- 2 ovos;
- 1 xícara de açúcar;

- Meia xícara de leite;
- 1 colher de vinagre;
- 1 colher de fermento.

Durante o preparo, conversamos sobre a origem de cada um dos ingredientes, suas propriedades nutricionais, etc. Além disso, comparamos as quantidades, destacando qual ingrediente ia em maior proporção e qual ia em menor, refletindo sobre a função de cada um deles na receita. Todos ajudaram, colocando-os e misturando-os na ordem que a receita pedia. As crianças ficaram encantadas ao verem aqueles ingredientes se transformando no nosso lanche da tarde. Quando finalizamos, arrumamos a nossa cesta e todos degustamos aqueles deliciosos bolinhos, feitos com muito amor, por nossa turma, em um momento de confraternização e partilha.

Figura 18 Preparando a Receita.



Fonte: Arquivo da autora.

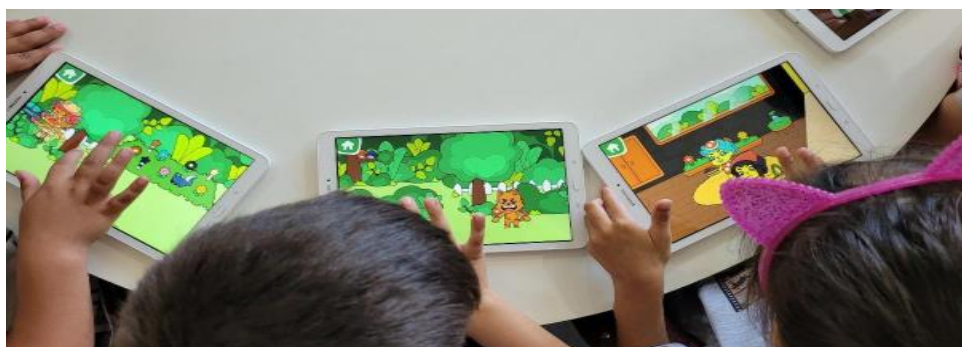
Figura 19 Bolinhos de Chuva feitos pela turma.



Fonte: Arquivo da autora.

Para a última atividade, decidi propor algo envolvendo as tecnologias, já que é algo cada vez mais presente na vida das crianças. Então, instalei nos tablets da escola o jogo “Mini Tale Chapeuzinho Vermelho”. Esse jogo, traz o cenário e os personagens, permitindo que as crianças tenham um papel ativo na construção da história. Nele é possível movimentar os personagens, fazendo com que interajam uns com os outros, visitar a casa da Chapeuzinho, da vovó e do bosque, colorir a história com suas cores preferidas, mudar os objetos de lugar, enfim, quase tudo o que a sua imaginação permitir. Essa atividade estimulou a concentração, a criatividade e a imaginação das crianças, além de promover a interação entre elas, já que sempre que descobriam algo novo, queriam compartilhar com o colega.

Figura 20 Jogando “Mini Tale Chapeuzinho Vermelho”.



Fonte: Arquivo da autora.

## 8.1. NO REINO ENCANTADO DO PRÉ B

Após explorarmos os três contos gauchescos, como produto de minha pesquisa do Mestrado, propus mais um desafio para as crianças: escreverem, coletivamente, seu próprio conto de fadas! Elas ficaram entusiasmadas com a ideia de serem autoras de uma história e já começaram a dialogar para definir o título, o local, os personagens e o enredo. Então, buscando aproximar a narrativa com a nossa realidade, decidiram que o conto aconteceria em Santa Maria e nessa história, os personagens de diferentes contos iriam se encontrar e ajudar o lobo, que não era mau, mas estava triste. E aos poucos, utilizando muita criatividade e imaginação, as crianças construíram um lindo Conto de Fadas, no qual eu fui a mediadora sociocultural da prática pedagógica inovadora, interdisciplinar e transdisciplinar, dando protagonismo de criatividade, de totalidade dos desafios do nosso tempo.

### **No Reino Encantado do Pré B**

“Era uma vez, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, três porquinhos que foram até o lago buscar água. No lago, eles encontraram marrecos e cisnes, que acenaram para eles e saíram voando. Eles voaram até a casa da vovó, para conversar um pouco com ela:

- Como está vovó? – Disse o cisne.
- Estou bem! – Respondeu a vovó.

Neste momento, a Chapeuzinho chegou e juntou-se à conversa:

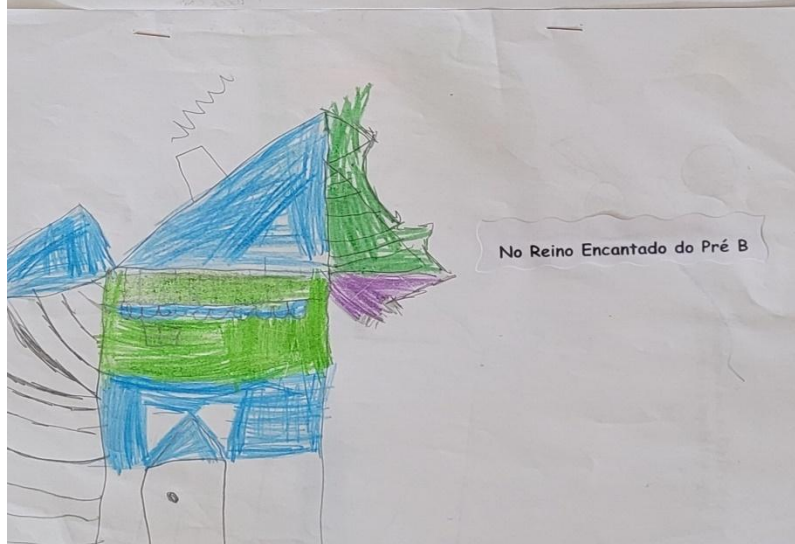
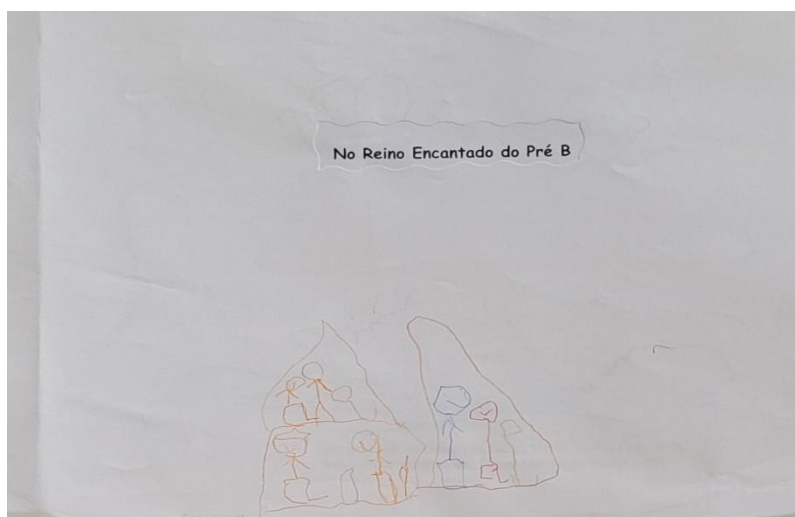
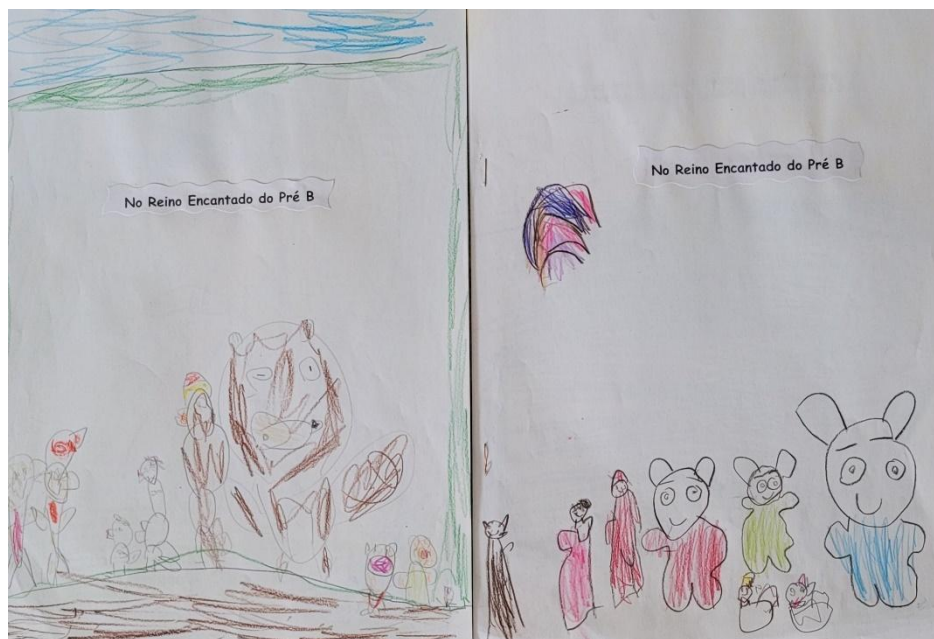
- Alguém viu os porquinhos? – Perguntou ela.
- Eles estavam no lago. – Respondeu a Marrequinha.

Então, todos resolveram ir até o lago encontrar os porquinhos. Porém, no caminho, encontraram uma família de lobos guarás. Eles estavam muito tristes, pois não tinham uma casa para morar. A Chapeuzinho quis ajudar, então chamou os porquinhos, para que juntos construíssem uma linda e grande casa de tijolos azuis, para os lobos. Construíram a casa do lado da casa da vovozinha, junto de um belo lago para os marrecos e cisnes. E, assim, todos viveram juntos e felizes para sempre.”

Após o conto estar pronto, o dividi em partes e as crianças ilustraram cada uma das cenas, do jeito que imaginavam que seriam os personagens e as paisagens da história, de maneira lúdica, criativa e autônoma. Os diversos resultados ficaram encantadores:



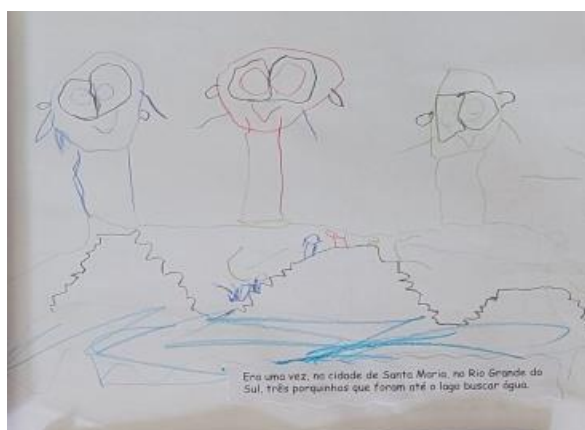
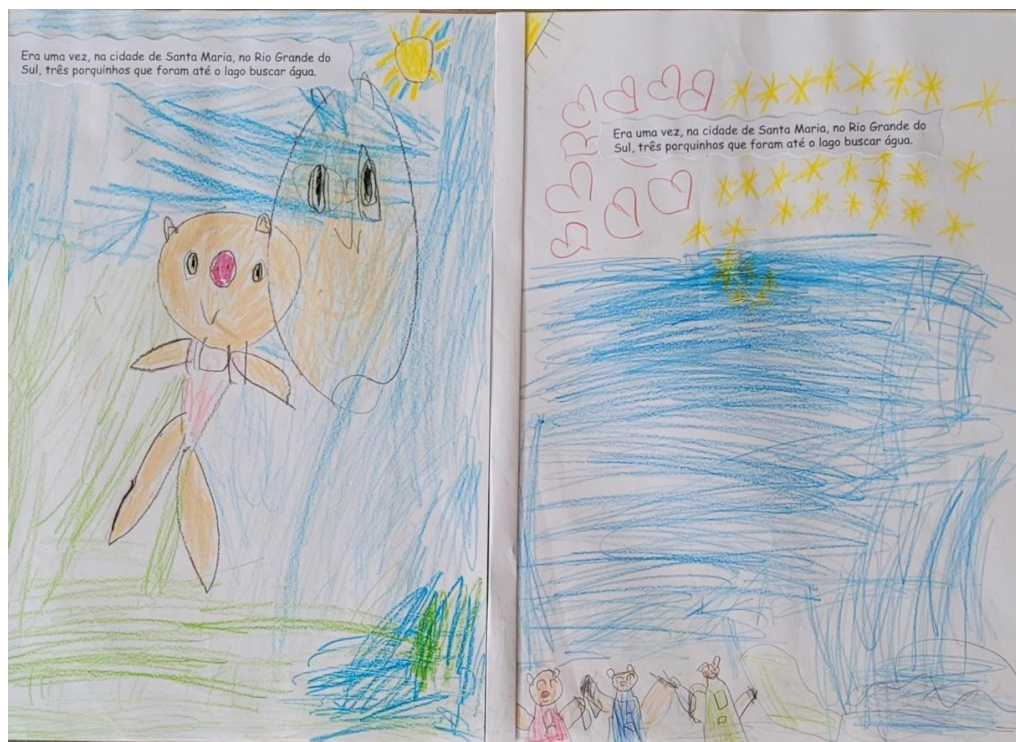
Figuras 21 e 22 Capa.



Fonte: Arquivo da autora.

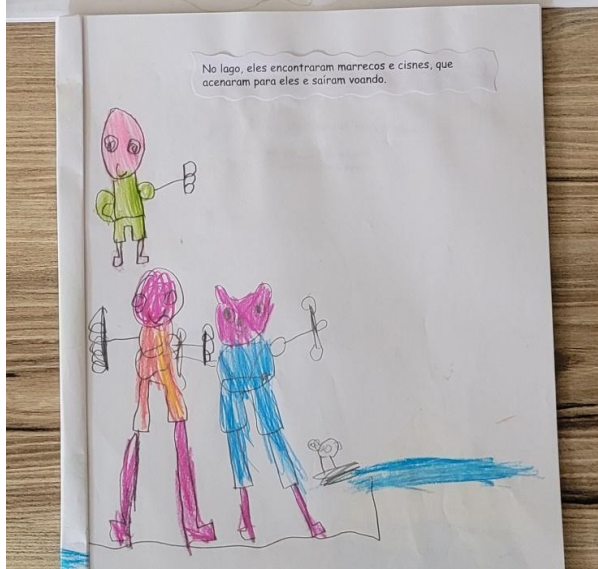
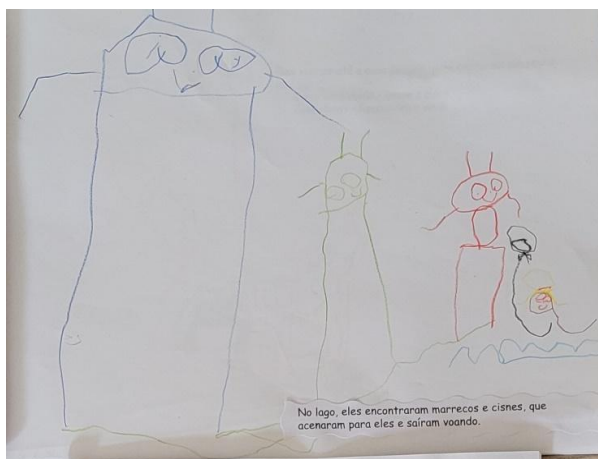
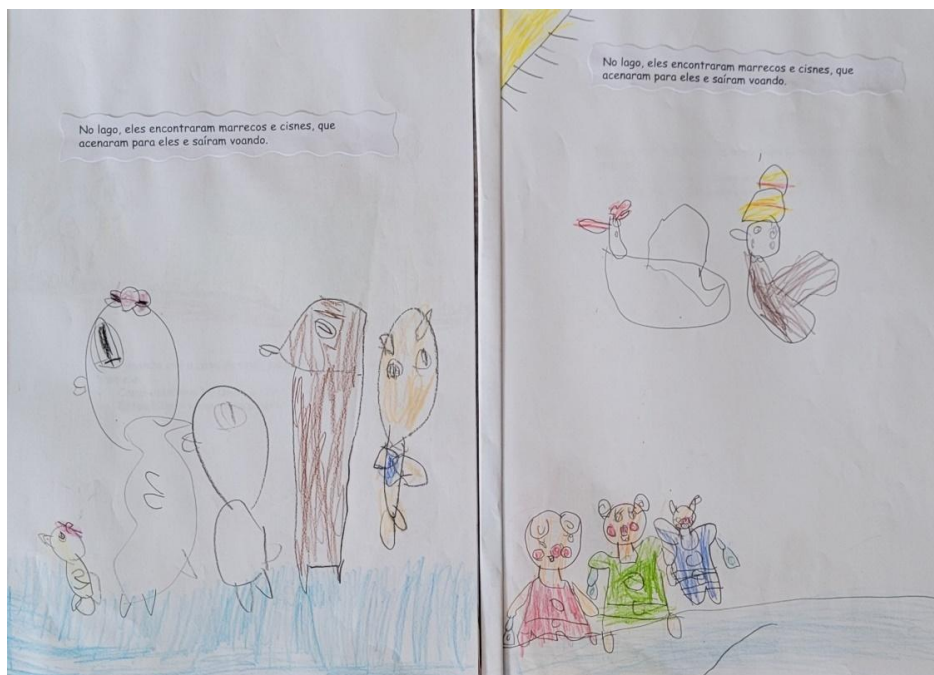


Figuras 23 e 24 Cena 1.



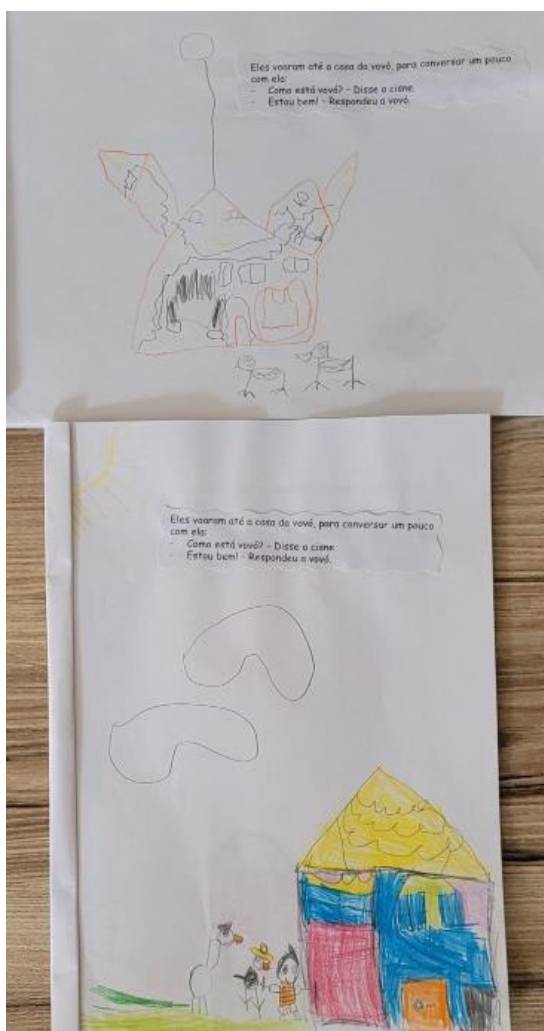
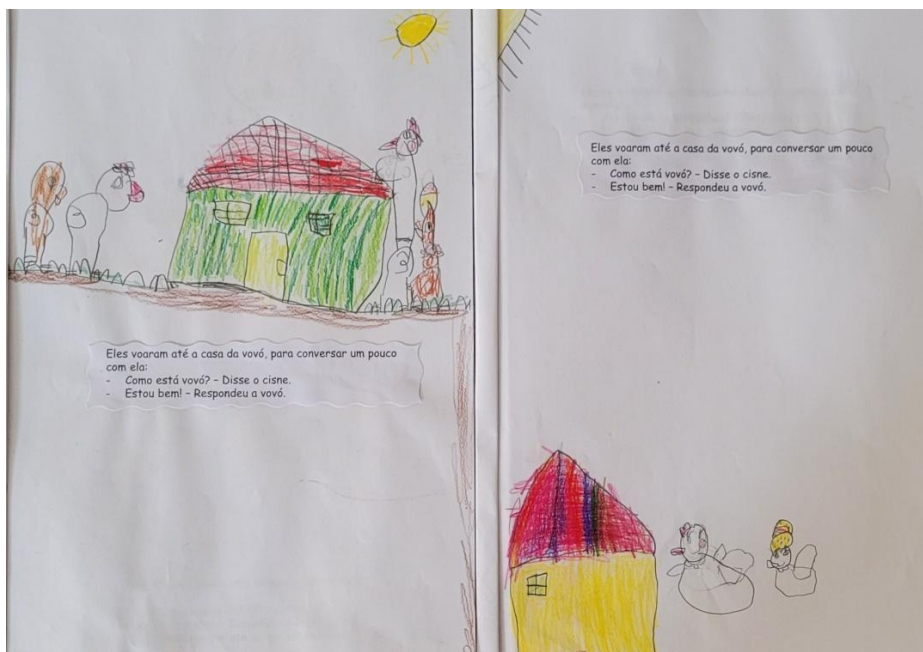
Fonte: Arquivo da autora.

Figuras 25 e 26 Cena 2.



Fonte: Arquivo da autora.

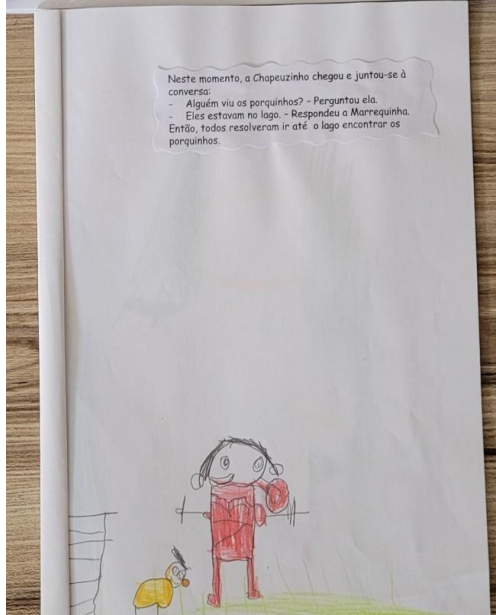
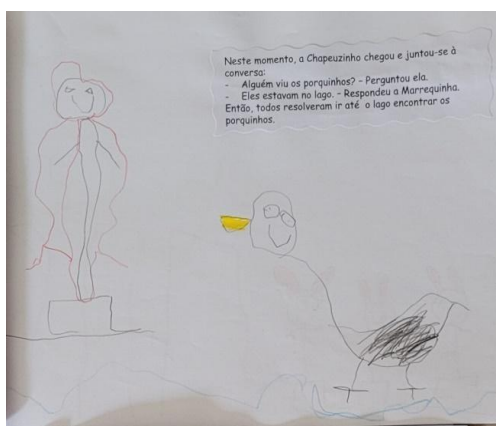
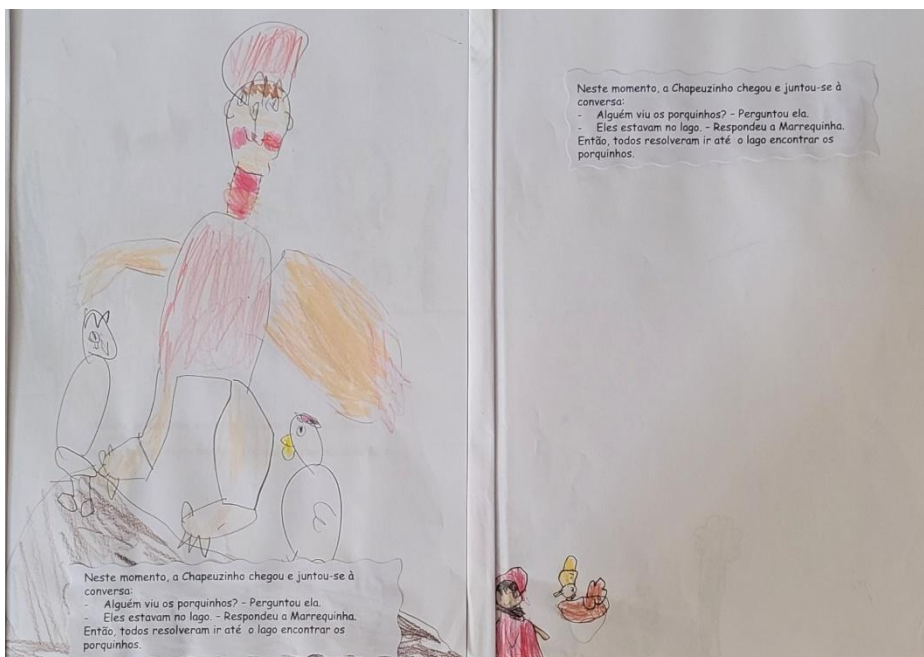
Figuras 27 e 28 Cena 3.



Fonte: Arquivo da autora.

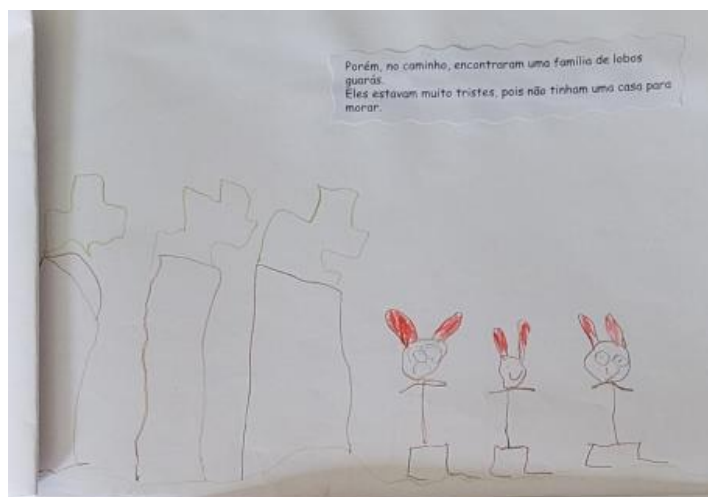
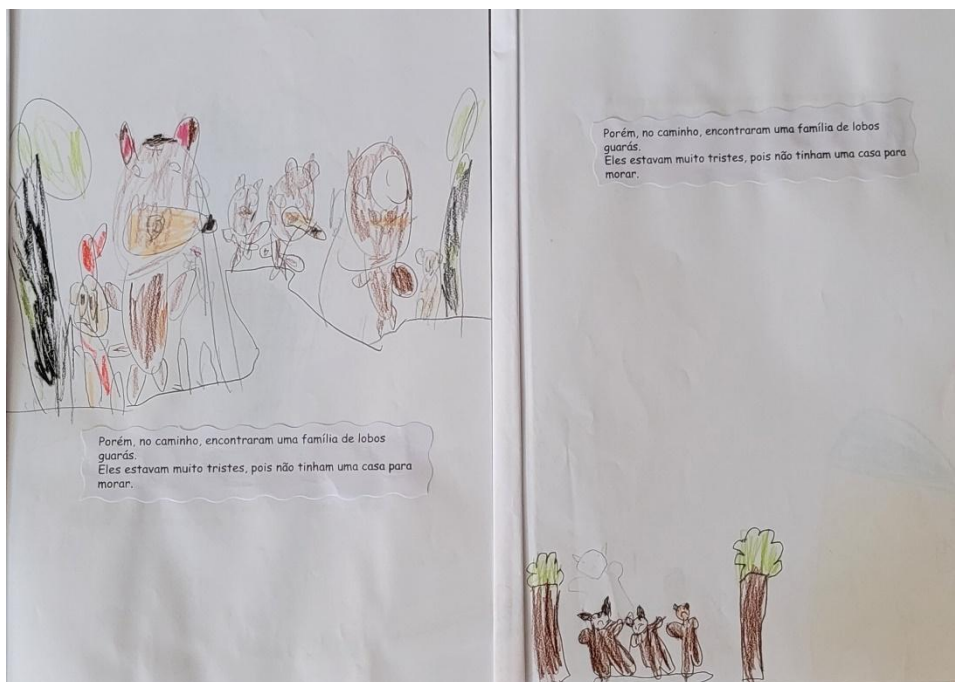


Figuras 29 e 30 Cena 4.



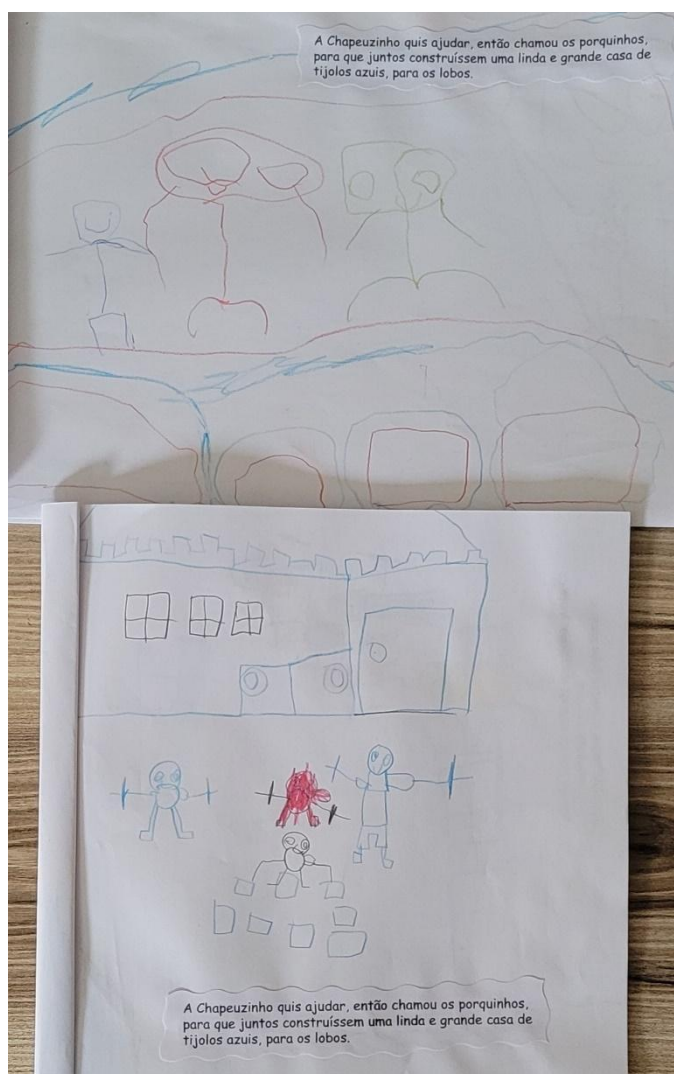
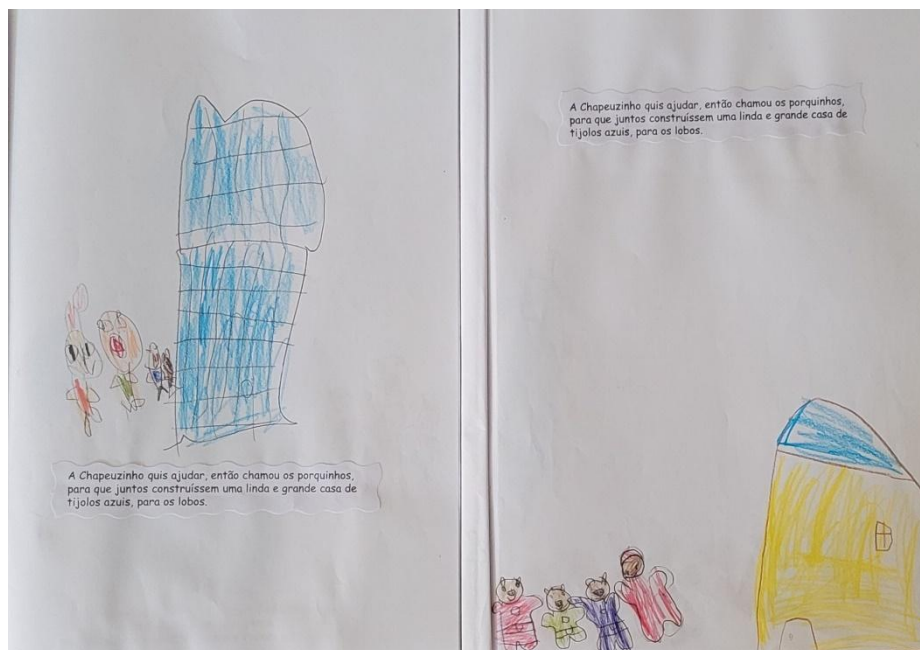
Fonte: Arquivo da autora.

Figuras 31 e 32 Cena 5.



Fonte: Arquivo da autora.

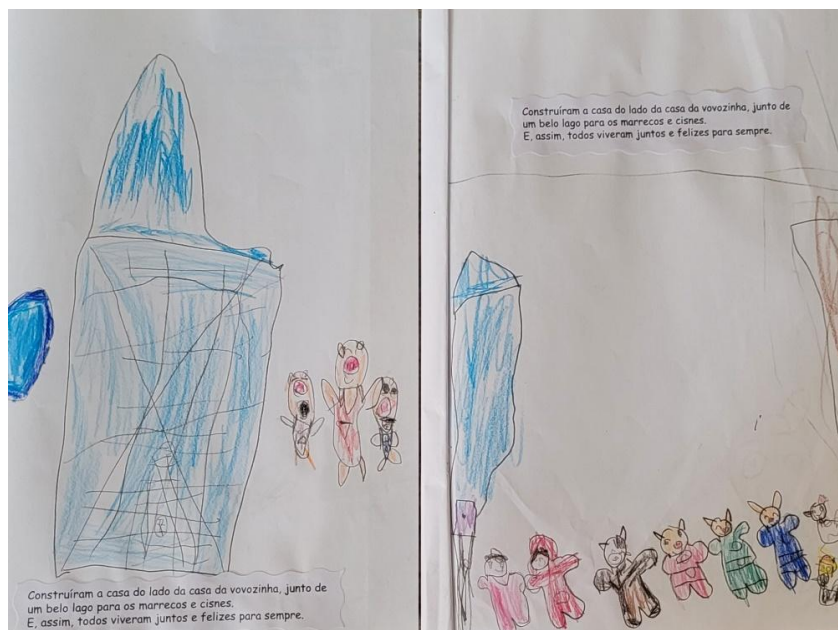
Figuras 33 e 34 Cena 6.



Fonte: Arquivo da autora.



Figuras 35 e 36 Cena 7.



Fonte: Arquivo da autora.

Quando os livros foram finalizados e entregues às crianças, foi perceptível a admiração delas por aquela obra que havia sido construída dia após dia, com muito empenho, carinho e trabalho em equipe. Esta atividade se fez importante, pois permitiu que as crianças compreendessem que elas não precisam ser reprodutoras de ideias, que não é necessário seguir caminhos já traçados por outras pessoas, já que elas podem e devem serem autoras, sendo protagonistas das suas próprias vidas. Além disso, instigou o pensamento crítico e reflexivo, já que descobriram que uma mesma história pode ser analisada por diferentes pontos de vista. Segundo Hartmann (2014, p.244), “o fato de as crianças aparecerem como autoras das histórias (mesmo que essas sejam inspiradas em narrativas pré-existent) contribui substancialmente no desenvolvimento de sua autoestima e no reconhecimento de suas capacidades expressivas”.

Figuras 37 e 38 Crianças contemplando o seu trabalho.



Fonte: Arquivo da autora.

O Conto de Fadas produzido pela turma do Pré B, foi transformado em um e-book, para que esse lindo trabalho pudesse ser compartilhado, com o intuito de levar a magia do faz-de-conta para mais pessoas e inspirar outros educadores a realizar atividades como esta. Além disso, as crianças levantaram uma questão muito importante: “E as pessoas que não sabem ler, como vão entender a história?”. Então, decidiram gravar um áudio, narrando a história, o qual, juntamente com suas ilustrações, se transformou em um vídeo.

Essa atividade esteve imersa de certezas e incertezas, reveladas pelas crianças através do diálogo criativo, participativo, com as dúvidas e interrogações necessárias à formação ética e cidadã. A universalização dos contos de fada, já propicia a formação de valores éticos como citado no “Pedagogia do Amor”, de Gabriel Chalita, fruto da sua tese de doutorado. Comprovamos que os contos de fadas gauchescos, assim como os produzidos por nossas



crianças, estão permeados de amorosidade, bondade, empatia, resiliência, democracia, complexidade, beleza, entre outros valores tão necessários à educação do presente e do futuro.

## **9. “TU TE TORNAS ETERNAMENTE RESPONSÁVEL POR AQUILO QUE CATIVAS”: ALGUMAS PALAVRAS FINAIS**

Durante muito tempo, o mestrado me pareceu um sonho bastante distante da minha realidade, até que um dia, eu resolvi tentar. Merecer uma vaga neste curso, não foi algo tão simples, tive que ser, como em muitos outros momentos da minha vida, resiliente. Mas, confesso que não imaginava o quão enriquecedora essa experiência seria. O Mestrado Profissional, me trouxe muito mais do que um título, hoje, tenho a convicção de que ele vai muito além de mais um diploma na minha parede. Acredito que durante a vida, passamos por processos tão potentes que são capazes de transformar a essência do nosso ser, e é assim que me sinto no final deste curso.

Todo conhecimento construído durante esses dois anos, me fizeram refletir sobre minha prática pedagógica, fazendo com que eu me questionasse, me inquietasse e fosse em busca da minha melhor versão. Desenvolver um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, não é uma missão fácil, afinal, para quebrar paradigmas é preciso ter coragem.

O ano letivo de 2022 foi um ano de transição na minha vida profissional, pois foi durante este período que pude perceber, na prática, o quanto a educação pode realmente ser transformadora. A coleta de dados para minha dissertação aconteceu apenas no final do ano, porém, desde o início busquei fazer com que a minha prática diária estivesse em concordância com a teoria em que acredito. Assim, durante o decorrer do ano, desenvolvi projetos que se conectavam entre si, que faziam sentido para as crianças, para que as aprendizagens fossem sempre repletas de significâncias.

Evidenciou-se através das atividades transdisciplinares a possibilidade de trabalhar a formação integral das crianças, pois a cada dia eles se mostravam mais autônomos, críticos, empáticos e com uma maior consciência coletiva. Compreendi que as atividades da educação infantil, do cuidar e educar, é a própria vida, pois as vivências na escola fazem parte da existência humana, que tem que ser vivida intensamente, com alegria da descoberta, da criatividade, da realização dos sonhos e esperanças do contexto escolar ser envolvente, desenvolvendo por inteiro.

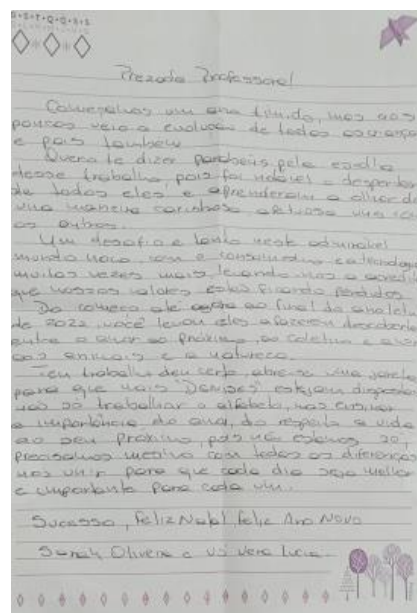
Assim, mostrar-lhes o seu papel de agente transformador da realidade, foi encorajar o voo em busca de seus sonhos e fazê-los perceber que estamos no mundo uns pelos outros, na solidariedade, na bondade, na justiça, na fraternidade, na verdade, nas certezas e incertezas próprias do imaginário infantil.

No nosso último dia de aula, não pude conter as lágrimas, pois como diria meu amado príncipezinho “a gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar”. Além de aprendizados, construímos memórias, criamos laços tão intensos e tão sinceros que ficarão guardados eternamente no meu coração. “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”, e nessa troca de experiências, de vivências e de aprendizados, essas crianças tornarem-se únicas para mim, assim como a rosa era para o Pequeno Príncipe.

A tematização dessa dissertação articula três perspectivas, o pensamento complexo de Edgar Morin, vivenciado pela interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, o desenvolvimento profissional docente, pois houve um salto qualitativo nas habilidades e competências da prática pedagógica, com mediações socioculturais nas quais compartilhamos os saberes e fazeres com prazeres, o contexto da sala de aula da turma de Pré B, imerso na inovação, na criatividade, na autonomia, no desenvolvimento de valores éticos e estéticos. Podemos nos reportar aos momentos-charneira, que, segundo Josso (2010), são momentos de reorientação que se articulam com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais.

Finalizo com uma carta que recebi da avó de uma dessas crianças, que além de me arrancar muitas lágrimas, me deixou com o coração repleto de gratidão e com um sentimento indescritível de dever cumprido.

Figura 39 Carta escrita pela avó de uma das crianças



Fonte: Arquivo da autora.

“Começamos um ano tímido, mas aos poucos veio a evolução de todas as crianças e pais também.

Quero te dizer parabéns pela escolha desse trabalho, pois foi notável o despertar de todos eles e aprenderam a olhar de uma maneira carinhosa, afetuosa uns aos outros.

Um desafio e tanto neste admirável mundo louco, com o consumismo e a tecnologia muitas vezes mais levando-nos a acreditar que nossos valores estão ficando perdidos.

Do começo até agora ao final do ano letivo de 2022, você levou eles a fazerem descobertas entre o amor ao próximo, ao coletivo e amor aos animais e a natureza.

Teu trabalho deu certo, abre-se uma janela para que mais “Denizes” estejam dispostas não só a trabalhar o alfabeto, mas ensinar a importância do amor, do respeito à vida ao seu próximo, pois não estamos só, precisamos mesmo com todas as diferenças nos unir para que cada dia seja melhor e importante para cada um. “

Segundo Morin (2011), mentes que aprendem de forma mecânica e fragmentada, acabam perdendo sua capacidade natural de contextualizar e integrar os saberes. O conhecimento deve comportar, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. Sendo importante que o ensino das disciplinas sejam todos orientados para a condição humana, globalizando os saberes, deixando de simplificá-los, já que a nossa realidade é repleta de complexidades.

Morin (2015), aponta três princípios úteis relacionados ao pensamento complexo: o princípio hologramático, princípio da recursão organizacional e o princípio dialógico. Este último, está ligado à circularidade auto produtiva dos sistemas, onde produtos e efeitos são, ao mesmo tempo, causa e produtores do que produzem, a exemplo da sociedade, que é produzida pelas interações entre os indivíduos, mas, uma vez produzida, retroage sobre os mesmos e os produz. De todos os três princípios, esse foi o mais presente durante o desenvolvimento desse projeto, já que o mesmo despertou a consciência reflexividade e, ao mesmo tempo, a produção das crianças envolvidas.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação.** In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). *Perspectivas epistemo-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.* Curitiba: CRV, p. 29-50, 2016.
- ABRAHÃO, M. H. M. B. **A (re)invenção da personagem - revisitando a história de vida de uma destacada educadora sul-rio-grandense mediante leitura de fontes imagéticas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) *Destacados educadores brasileiros: suas histórias, nossa história.* Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 263-286, 2016.
- ABRAHÃO, M. H. M. B. **Destacados educadores brasileiros: suas histórias, nossa história.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- ARRAES, L. G. M. **Desenvolvimento formativo de valores morais à luz da visão da complexidade e da transdisciplinaridade para recursos de aprendizagem.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, 2020.
- BEHRENS, M. A. **Educação transformadora: Encontros e convergências das obras de Paulo Freire e Edgar Morin.** In R. Barros & D. Chotti (Org.), *Abrindo caminho para uma educação transformadora: Ensaio em educação social, filosofia aplicada e novas tecnologias.* p. 237-273, 2014.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano.** A. Carvalho-Barreto (Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Publicado originalmente em 2005).
- CHALITA, G. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações.** SP: Ed. Gente, 2003.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (dês)conhecida.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- D'AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.
- EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ESTES, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem; tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, L. de; MORIN, E.; NICOLESCU, B. **Carta da Transdisciplinaridade**. Portugal, Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994. Disponível em: <http://cettrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>. Acesso em 15 out 2021.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**, 2. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARTMANN, L. **Crianças contadoras de histórias: narrativas e performance em aulas de teatro**. Revista do programa de Pós-graduação em arte da UnB, Brasília, v.13, nº2, p. 230-248, 2014.

JAPIASSU, H. **Fórum Interdisciplinar Educação e Interdisciplinaridade: um convite ao diálogo**. O sonho Transdisciplinar: 2013.

JAPIASSU, H. **O espírito interdisciplinar**. Cadernos EBAPE.BR, IV: 1-9, 2006

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Imago, Rio de Janeiro, 1976.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Cortez, 2010.

JOSSO, M. C. **Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formações e práticas sociais**. In Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Salvador, Biograph, v.05, n. 13, p.40-54, jan./abr. 2020.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

- LE BOTERF, G. **Pesquisa participante: Propostas e reflexões metodológicas.** In: **Brandão Carlos Henrique. et. al. Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIMA, J. **Tradicionalismo... Responsabilidade Social: reflexões.** Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2004.
- LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARQUEZAN, L. I. P. **Trajетórias e processos formativos na/da docência: Memórias e (Res)significações.** Tese (Doutorado) – Universidades Federal de Santa Maria, 2015.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana.** 6. ed. São Paulo: Palas Athenas. 2007.
- MENEZES, U. G. D. **Literatura Infantil na Educação Infantil: Acervos e Práticas em Instituições.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.
- MOITA, M. C. **Percursos de Formação e de Trans-Formação.** In: NÓVOA, A. *Vidas de Professores.* Porto: Porto Editora, 1995.
- MORAES, M.C. **O Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas.** Em *Aberto*, Brasília, ano 16, n.70, p.57-69, abr./jun. 1996.
- MORAN, J. M. **As múltiplas formas do aprender.** Revista *Atividades & Experiências*, 2005.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998.
- MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.** Cortez: Brasília, 2006.
- MORIN, E. **Educação ambiental na escola: objetivos conceitos e estratégias – pensamento sistêmico e pensamento complexo.** EDIC, 2010.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. rev. Tradução de Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 18. ed. Rio de Janeiro: Berhand, 2019.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 1, n° 3, 2° sem., 1996.

OLIVEIRA, D. E; MARQUEZAN, L. I. P. **A prática transdisciplinar através dos contos de fadas: a busca por uma educação transformadora**. In: Muller, E. Memórias do programa temas emergentes e ensino híbrido [livro eletrônico]: relatos (as) educadores (as) municipais de educação durante o tempo de pandemia. p.85-96, 2023.

PETRAGLIA, I. C. **Interdisciplinaridade: o cultivo do professor**. São Paulo, SP. Pioneira: Universidade de São Francisco, 1993.

PETRAGLIA, I. C. **A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

PILETTI, F. **História do Rio Grande do Sul: 4ª série**. São Paulo: Ática, 2007.



## **APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA**

Eu, Denize Estega de Oliveira, orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Lorena Inês Peterini Marquezan, apresento o projeto de pesquisa, desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, na Universidade Federal de Santa Maria, o qual pauta sobre “A transdisciplinaridade através dos contos de fadas: a busca por uma educação infantil inovadora.”.

A pesquisa refere-se as práticas de inovação na gestão da aula: interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, especificamente sobre a prática pedagógica transdisciplinar na Educação Infantil, através dos contos de fadas. Tendo como objetivo geral, implementar a inovação na Educação Infantil, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, propiciando atividades encantadoras a partir dos contos de fadas gauchescos.

A metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa, realizada através de narrativas autobiográficas, relacionadas às práticas pedagógicas desenvolvidas com uma turma de Pré-escola B, com alunos de cinco e seis anos, da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni, localizada no município de Santa Maria/RS.

Através das investigações deste projeto, busca-se inspirar outros educadores a desenvolver práticas interdisciplinares e transdisciplinares na Educação Infantil, idealizando-se construir como produto, um e-book áudio visual de um novo conto de fadas, de autoria das crianças.

Santa Maria, 1º de novembro de 2022.

---

Direção

---

Denize Estega de Oliveira

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do estudo:** A transdisciplinaridade através dos contos de fadas: a busca por uma educação infantil inovadora.

**Pesquisador responsável:** Denize Estega de Oliveira

**Instituição/Departamento:** PPPG/UFSM

**Telefone e endereço postal:** Fone: (55) 3220-8450. E-mail: pppg@ufsm.br, Cidade Universitária, prédio 16 (Centro de Educação), sala 3155, térreo. CEP 97.105-900, Santa Maria, RS.

**Local da coleta de dados:** EMEI Professora Zulânia de Fátima Simionato Salamoni.

Eu, Denize Estega de Oliveira, acadêmica do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, na Universidade Federal de Santa Maria- RS, responsável pela pesquisa “A transdisciplinaridade através dos contos de fadas: a busca por uma educação infantil inovadora”, juntamente com minha orientadora a Professora Lorena Inês Peterini Marquezan, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSM), convidamos você a participar como voluntário deste estudo. Por meio desta pesquisa, pretende-se implementar uma nova perspectiva de educação, envolvendo práticas interdisciplinares e transdisciplinares, integrando diferentes disciplinas e construindo aprendizagens que vão além da sala de aula, desenvolvendo, assim, uma educação para a vida. O desenvolvimento deste estudo, será realizado a partir de encontros presenciais.

Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários com a pesquisa serão assumidos pela pesquisadora. Você tem a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Além disso, conta com a garantia do direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. Esperamos com este estudo, implementar a inovação na Educação Infantil, através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, propiciando atividades encantadoras, ressignificando os sentidos dos contos de fadas clássicos com suas releituras conectadas à cultura gaúcha.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o

sigilo sobre sua participação. Fica aos cuidados da pesquisadora as informações e a manutenção dos dados da pesquisa em arquivo (físico ou digital), por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Os dados obtidos serão de cunho exclusivo para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo arquivado posteriormente.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_,  
responsável por \_\_\_\_\_, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me e

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, \_\_\_\_ de novembro de 2022.